

7. Referências Bibliográficas

AGUIAR, Leonel, BARSOTTI, Adriana. Jornalismo amador: proposta para definir as práticas jornalísticas exercidas pelo público em ambientes interativos. In: STRELOW, Aline; FILHA, Elza de Oliveira; PENA, Felipe; ASSIS, Francisco; COUTINHO, Iluska. Jornalismo: história, teorias, gêneros e práticas. São Paulo: Intercom, 2012.

AGUIAR, Leonel. Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo: um estudo preliminar. In: *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2006.

_____. Ensinar as práticas a partir da teoria do jornalismo: uma proposta pedagógica. In: *Anais do 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo*. Goiânia/GO [recurso eletrônico] – Realização FNPJ e UFG, 2007a.

_____. Imprensa Sensacionalista: o entretenimento e a lógica da sensação. In: *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2008.

_____. Jornalismo e poder: questões sobre o interesse (do) público. In: DANTAS, Marcos; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Orgs.). *Políticas públicas e pluralidade na comunicação e cultura*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

_____. Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico. In: *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2007b.

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMORIM, Lidiane Ramirez de. (Tele)jornalismo participativo: novos olhares sobre a notícia de TV. In: *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2009.

ANTOUN, Henrique. A web 2.0 e o futuro da sociedade cibercultural. In: *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2008.

ÁVILA, Edmilson – Rede Globo de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 16 jan, 2014.

BAUER, Martin W; Gaskell, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. In: *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

BELLOUR, Raymond. A dupla hélice. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BIRD, Elisabeth; DARDENE, Robert W. Mitos, registros e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: 1993.

BOGARD, William. *The simulation of surveillance: hypercontrol in telematic societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BOLAÑO, César. Reestruturação produtiva, subsunção do trabalho intelectual e a dinâmica contraditória do desenvolvimento. In: MACIEL, Maria Lúcia; ALBAGLI, Sarita (Orgs.). *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BOORSTIN, Daniel J. The Image: a guide to pseudo-events. In: *America1961*. New York: Vintage Books, 1992.

BORELLI, Silvia Helena Simões; PRIOLLI, Gabriel. *A deusa ferida: porque a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASIL, André; MIGLIORIN, César. Biopolítica do amador: generalização de uma prática, limites de um conceito. In: *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 20, p. 84-94, dez. 2010.

BREED, Warren. Controle social na redação: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

BRUNO, Fernanda. Controle, flagrante e prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades. In: *Revista da FAMECOS*, Porto Alegre, v. 1, nº 37, p. 45-53, 2008.

_____. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. In: *Revista da FAMECOS*, Porto Alegre, v. 1, nº 24, p. 110-124, 2004.

_____. Quem está olhando? variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows. In: *Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 3, nº 2, p. 53-70, 2005.

BRYANT, Jennings; OLIVER, Mary Beth. *Media effects: advances in theory and research*. New York: Routledge, 2009.

CARDOSO, Raian – Rede Record de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 04 nov. 2013.

CAREY, James W. *Communication as culture: essays on media and society*. New York: Routledge, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

COUTINHO, Iluska. Do telejornalismo público como um direito: a oferta de informação na TV Brasil como potencialidade para comunicar as diferenças. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Orgs.). *#telejornalismo: nas ruas e nas telas*. Florianópolis: Insular, 2013.

_____. Público e identidade no telejornalismo brasileiro. In: *Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. São Paulo: SBPJor, 2009.

DÔNOLA, Vinícius – Rede Record de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 06 dez. 2013.

DURAN, Arnaldo – Rede Record de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 08 jan. 2014.

FERRAZ, Maria C. Franco. Sociedade tecnológica: de Prometeu a Fausto. In: *Contracampo – Revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação*, nº 4, janeiro/junho de 2000.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GANS, Herbert. *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. New York: Pantheon Books, 1979.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

GOMES, Itania Maria Mota. *Metodologia de Análise de Telejornalismo (II): um protocolo de análise de gênero televisivo como categoria cultural*. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq – Produtividade em pesquisa 2012/2015. Salvador, 2010.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GRUPILLO, Aline – Sistema Brasileiro de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 9 jan. 2014.

HABERMAS, Jurgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade – Vol. 1*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1997.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. Lisboa: Vega, 1993.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *Oenigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

KIENTZ, Albert. *A análise de conteúdo aplicada aos media: comunicação de massa – análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular; UFSC, 2001.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEMO, André. Ciberultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMO, André e CUNHA, Paulo (Orgs.). *Olhares sobre a ciberultura*. Sulina: Porto Alegre, 2003.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARSHALL, Leandro. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.

MATTELART, Armand. Para que “nova ordem mundial da informação”. In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade Mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2010.

McCOMBS, Maxwell; REYNOLDS, Amy. How the News shapes our civic agenda. In: BRYANT, J., OLIVER, M. B. *Media effects: advances in theory and research*. New York: Routledge, 2009.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega Editoria, 1999.

MONTEIRO, Priscilla – Rede Globo de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 14 jan. 2014.

NASCIMENTO, Humberto. Rede Record de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 12 jan. 2014.

NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2006.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

PARENTE, André. Entrevista com André Parente. *Revista Psicologia e Sociedade*. Nº 16 (2): p.8; maio/agosto 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a02v16n2.pdf>, acesso em 16/05/2010.

PARTENOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PENKALA, Ana Paula. Notícias de um documentário particular: os sentidos do real em um documentário brasileiro. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 75 - 88, jan/jun. 2008.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCHA, Rodrigo – Rede Record de Televisão. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 04 set. 2013.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SARTRE, J. Paul. *O Muro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SCHUDSON, Michael. *Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SERRANO, Estrela. Jornalismo e elites do poder. In: *Ciberlegenda – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFF*, nº 12, 2003.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Edna de Mello; ROCHA, Liana Vidigal. Telejornalismo e ciberespaço: convergência de tecnologias e informação. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs). *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. A relação entre as imagens captadas pelo telespectador e a qualidade. In: *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2009.

TOURINHO, Carlos. *Inovação no telejornalismo: o que você vai ver a seguir*. Vitória: Espaço Livre, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. *Teorias do jornalismo – Volume I: porque as notícias são como são*. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. *Teorias do jornalismo – Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, Gaye. *A objetividade como ritual estratégico*. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Editoria, 1999.

_____. *La producción de la noticia: estudo sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

VAZ, Paulo. Corpo e risco. IN: VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred & KOZOVSKI, Ester (orgs.). *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana & ROCHA, Heitor. Telejornalismo: da audiência presumida aos co-produtores da notícia. In: *Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2010.

WERTHEIM, M. *Uma história do espaço: de Dante à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Terra e Paz, 1977.

8. Anexos

Anexo 1

Perguntas para entrevistas

- 1) Identificação, emissora, cargo atual.
- 2) Quanto tempo tem de profissão como jornalista?
- 3) Quais os setores por onde passou dentro do Jornalismo?
- 4) O que acha do uso de imagens amadoras e de vídeo-vigilância nos produtos jornalísticos exibidos em TV?
- 5) Como é feita essa negociação de imagens? Há algum incentivo? Como é o processo de escolha dessas imagens?
- 6) Como é dada a orientação para a montagem dessas imagens ao serem inseridas na matéria telejornalística?
- 7) Você acredita que esse tipo de imagem acaba determinando atualmente a pauta?
- 8) Em sua opinião, qual o objetivo do uso desse recurso no telejornalismo?
- 9) Você acredita que existe uma aproximação com o telespectador, na medida em que essas imagens parecem mais reais e familiares?
- 10) Quais as vantagens e desvantagens dessa prática para o telejornalismo?
- 11) Você acredita que essa é uma estratégia para manter a audiência, dada que muitas dessas imagens já foram vistas em redes sociais então essas mídias se retroalimentam, usando uma o conteúdo da outra?
- 12) Como é feito o processo de checagem e apuração dessas imagens, já que muitas vezes trata-se de imagens anacrônicas e alguns elementos do lead são excluídos.
- 13) E quanto à qualidade técnica, qual a sua opinião?
- 14) Hoje qualquer pessoa pode filmar um acontecimento que acaba tendo valor-notícia, ao ponto de se tornar relevante e ser exibido em um telejornal. Em sua opinião, qual o futuro do telejornalismo e o impacto que isso pode causar na profissão ou enxugamento de equipes?
- 15) As imagens de circuito interno, quase sempre estão ligadas a algo trágico. Você concorda que é isso que é “o povo quer ver”, portanto existe essa demanda do telespectador?
- 16) É difícil escrever um texto *off* para essas imagens. Considerando que o repórter acaba tendo que narrar o óbvio? Nesse momento texto e imagens não se rivalizam? Há, portanto, um empobrecimento textual?
- 17) E quanto à qualidade técnica dessas imagens, qual a sua opinião?
- 18) Como você classifica essas imagens?

Anexo 2

Transcrição das entrevistas

Vinícius Dônola – TV Record

Valendo?

Três, dois, um... gravando.

Identificação: Vinícius Dônola. Cargo atual: repórter. Sou jornalista há vinte e seis anos. Já trabalhei na técnica, como operador de unidade portátil externa, fui motorista, iluminador, trabalhei na apuração, na produção, na reportagem, na edição, operador de *teleprompter* e, que eu me lembre, é isso.

Como é feita a negociação dessas imagens?

Nas emissoras em que eu trabalhei durante o período em que essas imagens começaram a frequentar o ambiente televisivo, Globo e Record, normalmente a negociação era feita pelos supervisores de imagem. Havia sim uma negociação e há uma negociação em valores, dependendo do conteúdo de cada vídeo. E esse processo é feito inicialmente por um supervisor de imagens que consulta o diretor de jornalismo ou o editor regional.

Há algum incentivo para que essas imagens cheguem à emissora?

Ah, pensei que fosse incentivo de dinheiro. Ah, não... Algum incentivo, algum pedido? Deveria haver mais... Mas é muito pouco. Acho que é mais a atitude espontânea de procura de quem gravou, do que uma atitude ativa dos meios de comunicação solicitando esse tipo de registro.

É mais uma colaboração num pertencimento de pauta de construção. Um jornalismo colaborativo seria assim: os telespectadores querem colaborar de alguma forma e aí eles levam a “melhor imagem”, no melhor local, no tempo certo e eles negociam esse tipo de imagem?

Falar de jornalismo colaborativo é teorizar aquilo que de forma espontânea as pessoas fazem. Antigamente as pessoas eram apenas passivas, no que se refere a conteúdo; hoje, isso é inaceitável. As pessoas têm um interesse profundo de participarem da elaboração de conteúdo nas redes sociais, sobre suas vidas privadas e nas redes de comunicação, sobre o universo público.

O que você acha, Vinícius, aproveitando o uso dessas imagens, né ...chamadas amadoras e também de videovigilância nos produtos exibidos na TV, nos produtos jornalísticos, né? Elas compõem, muitas vezes, a própria narrativa telejornalística. Qual a sua opinião, enquanto repórter já de anos, qual a sua opinião em relação a isso?

Eu acho fantástico! Eu acho que a gente quebrou uma lógica de registro da realidade. O jornalista antes chegava para registrar. Hoje ele registra para perguntar quem registrou para contar a história. E aí a gente volta à origem do

bom jornalismo. O bom jornalista deixou de ser aquele que faz o primeiro registro, ele voltou a ser aquele que conta primeiro a boa história. Isso é muito interessante.

E é dada alguma orientação na montagem dessas imagens ao serem inseridas na matéria? Você vai fazer uma matéria, um roteiro... Tem que “abrir” com essas imagens, essas imagens são as mais fortes, ou isso não interfere nessa roteirização?

Perde-se muito o conteúdo dessas imagens por ausência de orientação do uso das mesmas numa reportagem. Ainda não se tem uma orientação, um encaminhamento e, por isso, muitas “pérolas” registradas por circuito de segurança, câmeras amadoras, telefones celulares, acabam tendo uma importância menor do que teriam se um olhar mais atento, mais experiente, pudesse encaminhar esse conteúdo dentro da empresa para qual negociaram a imagem.

Então, você acredita que essas imagens, sejam de câmeras amadoras, enfim, com o universo que a gente tem de recursos tecnológicos, elas, muitas vezes, determinam a pauta?

Sim. Existe uma fragilidade muito grande das produções para a cobertura do factual. Isso não é de hoje, é de décadas. E a chegada dessas imagens amadoras ou de circuito de segurança, que aqui vamos chamar de registros não profissionais, contribui de uma forma significativa para preencher um buraco imenso nas produções, na elaboração de pautas e contribui também para que a produção de conteúdo não seja só de dentro para fora, mas seja de fora para dentro.

Isso, a gente já vai para a nossa próxima pergunta então, que é a vantagem dessa prática para o telejornalismo. E uma desvantagem? O que você acha em relação a essas imagens e o que tem de negativo nisso?

As vantagens são imensas porque democratiza a produção. Isso é incrível. Democratiza a produção de conteúdo. Isso é fantástico porque durante muito tempo o telespectador assumiu a postura do pensador de Rodin, sentado no sofá à espera que alguém contasse para ele a verdade. Hoje em dia, ele produz a verdade, se é que existe verdade. Hoje ele produz o registro, que é um olhar sobre a verdade.

E uma desvantagem?

Desvantagem... Vou tentar lembrar ao longo do caminho, mas...

Talvez a qualidade das imagens?

Não. Eu acho que, principalmente na época em que se falava do Padrão Globo de qualidade, falava-se muito em qualidade, muito em forma e pouco em conteúdo. A gente inverteu essa lógica e isso é fantástico, porque hoje, independentemente da qualidade, o que vale é o conteúdo. A forma, ela deixou de ser o destaque do abre-alas e ela está desfilando em algum carro alegórico. Mas o abre-alas hoje é o conteúdo, e isso é fantástico.

E você acha que, de certa forma, essas imagens criam uma aproximação com o telespectador, na medida em que elas parecem mais reais, mais familiares, mais “brutas”, mais próximas da realidade dessas pessoas ou que cedem ou que mesmo assistem essas imagens?

Aproxima o telespectador de duas formas: elas são muito críveis. A credibilidade dessas imagens dá credibilidade ao produto jornalístico. Ponto. Mas estabelece e solidifica, concretiza uma ponte do telespectador na via que até então era inexistente, na via de produção de conteúdo. Então, reforça a atitude passiva de audiência e aumenta a atitude ativa de produção.

Em sua opinião, logicamente isso tem a ver com uma relação mercadológica, mas existe alguma relação da audiência – que hoje a audiência da TV, a gente pode dizer que a internet, a gente pode ver televisão na internet – e que de certa forma esse produto, esse vídeo que já foi postado na internet, ele de certa forma vem para a televisão e ele volta para a internet, existe uma retroalimentação dessas duas mídias. Você acha que isso pode ser uma pegada mercadológica para a televisão também dar um novo rumo a partir dessa tecnologia e da internet que a gente que a gente não sabe ainda, que é um território um pouco sem lei, então não tem as determinações, normas que regem, portanto, a televisão que tem a concessão pública, né?

Essas imagens forçaram as grandes empresas de comunicação a abrirem os olhos para o que as pessoas falam, para que as pessoas produzem, para aquilo que elas assistem. Então, você hoje não apenas dita aquilo que é falado, aquilo que é visto, aquilo que é assistido; mas você assiste aquilo que a população fala e repercute. Então, cria-se um círculo positivo de circulação de imagem, envolvendo os dois produtores de conteúdo. Eu já não falo mais hoje em audiência, eu gosto de tratar a audiência como sinônimo de um conjunto massificado de produtores de conteúdo. E isso que é legal. Ah, o telespectador... Esquece o telespectador, isso é um conceito antigo: eles são colaboradores nossos na produção de conteúdo. Eu já diria que eventualmente, são os nossos, são os nossos ouvintes, são os nossos telespectadores. Eu os vejo muito mais, e daí essa importância desse processo, eu os vejo muito mais como nossos colaboradores na produção de conteúdo jornalístico.

Perfeito. E aí, a gente chega num momento crucial, que é o processo de checagem de apuração dessas imagens. Já que muitas, elas são anacrônicas e aí isso remexe um pouco o famoso *lead*, o quê, quem como, onde, como é por que, porque o que interessa, em verdade, como você já falou anteriormente, antecipou, é a imagem. E esse quando aconteceu é um quesito que fica fora. O quê é o mais importante?

Eu discordo. Eu acho que existem dois produtos diferentes: existe registro e existe reportagem. Para o registro, não vale o *lead*. O registro ela fala por si só. Isso não é matéria, isso não é reportagem. A reportagem si, ela ainda é calcada no onde, quando, por que e como. Então, se você tem um registro com uma apuração rala, rasa, ele é apenas um registro e ele fala por si. Eu não gosto de trabalhar com registro. Eu gosto de pegar o registro e transformar em uma história e eu acho que esse é o papel nosso. O que me diferenciada dona de casa com um celular é que eu sei apurar, eu sei construir. Esse é o meu dever. Então eu acho que são dois produtos diferentes. Estamos falando de alface e de bicicleta. Estamos falando de registro e de reportagem. A diferença entre registro e reportagem é igualmente paradoxal a diferença de uma alface para uma bicicleta.

Você já tinha falado anteriormente quanto à qualidade técnica dessas imagens...

Ótima. A qualidade está aumentando, os celulares estão cada vez melhores, a qualidade dos celulares é cada vez maior, os celulares são cada vez mais baratos, as pessoas cada vez mais usam as câmeras para registro da própria realidade em casa e da realidade na rua. Eu acho que a tendência é que a gente tenha um material muito próximo da qualidade do que é colocado no ar por produto, por equipamento profissional em muito pouco tempo.

Essas imagens de circuito interno, principalmente, quase sempre, elas estão ligadas a algo trágico. O circuito interno tem esse teor de vigilância. Você concorda que é isso que o povo quer ver. Quer dizer, existe essa tragicidade nas imagens de circuito interno: o assalto, a morte, a dona de casa que morreu, gravou a própria morte pelo circuito interno e isso é usado em demasia comumente nos factuais. Você acredita que essa tragicidade, é isso que o povo quer ver, que acaba invertendo um pouco os papéis?

Eu acho que isso também é o que o povo quer ver. Nós temos uma tendência de curiosidade àquilo que não gostaríamos que acontecesse com a gente. Ponto. Mas isso é também o que o povo quer ver. O que me preocupa é o resultado de curtíssimo prazo da audiência (quando eu falo audiência, eu estou falando medição, de audiência como medição e não como conjunto de colaboradores), o resultado da audiência de curto prazo provocado pelo uso dessas imagens. Não é só isso que o povo quer ver. Achar que é só isso que o povo quer ver, é muito obtuso e prova a nossa superficialidade tosca e limitada de enxergar o nosso papel como contribuintes de uma sociedade melhor, como vigilantes da lei e como vigilantes dos serviços públicos. Isso é o que o povo quer ver? Também. E é inegável, a audiência de curtíssimo prazo prova, mas em médio e longo prazo, se só isso é usado para alavancar a audiência, você implode a credibilidade do seu veículo. E credibilidade é que nem copo de cristal: se parte, por melhor que seja a cola, jamais você elimina uma cicatriz.

E quanto à escrita em relação a essas imagens? É difícil escrever um off, já que essas imagens naturalmente, narram uma situação óbvia? Talvez, o registro que a gente falou há pouco, né? Nesse momento existe uma rivalidade entre texto e imagem? Há um empobrecimento textual? Como você vê isso e você analisa que isso agrega valor.

Cada um tem um estilo para escrever em cima de registro. Após um delicado trabalho de apuração e produção, vamos ao *off*. Como é o *off* que eu faço dos registros que me chegam à mão, após apuração e produção. O *off* nada mais é do que uma conversa com os respiros respeitados dessa conversa entre duas senhoras à frente da televisão: “Olha aquela bolsa! Não, não, a porta rodou agora. Vê de novo essa imagem... Meus Deus, que coisa! Repare o detalhe no alto do poste. Não, esse tiro atingiu a janela também e mais uma pessoa atrás foi ferida.” Não vejo isso como banalização e não vejo isso como redundância, apenas vejo o *off* sobre o registro, como um guia que ajuda a interpretar os elementos presentes naquela imagem.

Como a gente falou anteriormente também, qualquer pessoa pode filmar um acontecimento, tendo valor-notícia, né? O que torna relevante, portanto, para ser exibido no telejornal. Como você avalia o futuro do telejornalismo e o impacto que isso pode causar na profissão. Você acredita que muitas vezes, essas imagens compõem uma narrativa telejornalística e isso pode ter, por exemplo, o enxugamento de equipes?

Não vejo. Quanto mais imagens, quanto mais registros chegarem à TV'S, mais apuradores teremos que ter, mais produtores teremos que ter, mais editores teremos que ter. Salvo, se exibirmos no ar apenas uma coletânea de registros e não uma coletânea de reportagens. Isso é uma questão de opção editorial. Se decidirmos fazer telejornalismo a partir de registros, só vejo a necessidade de mais contratação e não de demissão.

E como é que você classificaria essas imagens: como jornalismo colaborativo, esvaziamento, uma tendência, um novo jornalismo, um jornalismo contemporâneo, um jornalismo participativo?

Quando a palavra jornalismo foi criada, não havia redes sociais. Quando o Curso de Jornalismo foi criado, não havia nem telefone celular. Quando os primeiros diplomas de jornalismo foram concedidos, não se falava em filmar com um aparelho que cabe na mão. Apenas com uma câmera pesadíssima que causa problema na coluna. Há de se criar um novo nome. Há de se descobrir um novo termo para uma realidade que já está aí. É mais do que um jornalismo colaborativo. É mais do que um jornalismo participativo. Não vejo como esvaziamento. Vejo um profundo enriquecimento da leitura da realidade. É uma tendência inexorável. Surfemos nessa maré. Nesse momento não me vem um termo, mas talvez seja a, seja o reconhecimento de que não tenhamos mais uma massa passiva de telespectadores. Mas que temos uma massa gigantesca de colaboradores na produção de conteúdo. Então, eu tiraria a palavra jornalismo e eu colocaria... Como você classifica essas imagens? Elas são um esforço gigantesco de colaboração com as grandes redes na produção do nosso tão estimado conteúdo.

Muito obrigada

Era isso?

Edimilson Ávila – TV Globo

Então, três, dois, um, gravando com Edimilson Ávila, Identificação, Edimilson... Identificação e cargo atual.

Vamos lá. Edimilson Ávila mesmo, meu nome completo. Emissora, TV Globo, cargo atual, hoje eu sou comentarista de cidade e também apresento o Radar RJ. Sou repórter também, mas isso tudo hoje está muito globalizado. Você faz, é, sou jornalista, então você faz tudo ali. Você é repórter, mas hoje sou comentarista e apresentador do Radar.

Quanto tempo você tem de profissão?

Eu já estou formado desde [risos]. Desde 1990.

Quais os setores que você já passou pelo jornalismo?

Me formei, me tornei repórter, fui diretamente para a reportagem, fui cinegrafista também, fui repórter cinematográfico, depois passei a ser repórter e aí, agora sou

comentarista, apresentador do Radar e nesse meio você faz apuração, também é produtor, você acaba fazendo bastante, um pouco de cada função ali.

O que você usa, já que a pesquisa é nesse sentido, nesse viés, o que você acha do uso dessas imagens de videovigilância e de amadores dentro da narrativa telejornalística, você, principalmente que trabalha com o Radar RJ, lida diariamente com as imagens de circuito interno e de monitoramento da cidade?

Acho que isso veio com a modernização do mundo. A gente não tinha isso. A gente não tinha celular com câmera, a gente não tinha câmeras monitorando nossas casas com tanta facilidade, isso era muito caro. E aí vamos, começamos a ter isso aos poucos, aos poucos. Isso, eu acho, veio se incorporando ao dia a dia. O que isso tornou possível, né? Nós temos cada vez mais olhos, cada vez mais estamos olhando para tudo, gravando tudo, filmando tudo e isso pode ser usado para o bem e para o mal, né? Eu acho que a gente usa muito bem o serviço no que a gente faz hoje. Dá para a gente dividir em vários segmentos. Você tem o serviço, que é o que você usa muito no Radar RJ, são câmeras da cidade, que estão sendo utilizadas para a cidade. Um serviço prestado. Olha se chove muito e está tudo engarrafado, a gente presta um serviço; se está tudo alagado, você presta outro serviço; então, essas câmeras tem uma função muito importante para a própria cidade. Você está devolvendo para a cidade um serviço. Em outros casos você tem tipo o caso do Edifício Liberdade, que caiu, você consegue mostrar o que aconteceu. Você tem uma narrativa do que aconteceu. Para a cidade é importante, tentar elucidar o que aconteceu, nos momentos importantes. E nos casos de crime, você consegue elucidar crimes, tem uma gama aí de utilidades.

Você disse para o mal também?

Para quem quer utilizar isso, que tipo de utilidade as pessoas vão dar a isso, né? No nosso caso, nós estamos usando para o bem. Você está usando para denunciar crimes, você está usando para serviços, não sei se alguém vai utilizar isso de outra intenção, sabe? Só acredito o seguinte: nós temos muitas possibilidades para isso. É uma gama de possibilidades, então que o jornalismo faz disso utilizando como serviço para a população, utilizando como uma informação.

Como é que é feita essa negociação de imagens? Há algum incentivo em ceder imagens, em colocar em blog, site, web?

Acho que as pessoas estão cada vez mais as pessoas botam em site, então acabam direcionando, as pessoas querem mostrar o mundo real que está acontecendo. Em outros casos alguém que faz uma super imagem, inédita, às vezes há uma negociação, mas eu não participo disso. Uma negociação, às vezes alguém quer vender. Mas isso não tem muito valor, não tem valor, ninguém fica rico achando: “fiz uma super imagem, fiquei rico”, não isso não existe. É um valor simbólico. É um valor simbólico, normalmente, mas eu não participo disso. Normalmente é uma doação, são imagens cada vez mais corriqueiras, só algo, sabe, uma imagem super inédita, de alguma coisa que há uma negociação de venda. Mas normalmente é doada, não tem uma negociação corriqueira.

Quanto à orientação da montagem dessas imagens dentro da narrativa telejornalística? Tem alguma orientação de utilizar essas imagens mais, abrir o VT, fechar o VT?

A imagem tem a sua utilidade e ela vai mostrar a sua utilidade. Se é uma imagem bacana, que vai elucidar algo, se é uma imagem que tem importância para a população, é isso que vai nortear a gente. Não tem uma... usamos X, usamos aqui. Não, não é isso.

Isso tem a ver com a próxima pergunta. Você acha que essas imagens normalmente elas, hoje, no telejornalismo de hoje, elas determinam muitas vezes a pauta a ser seguida?

Exatamente isso. É a imagem que vai determinar. Uma bela imagem, essa imagem determina, olha, precisamos investir nesse assunto. Algo que a gente ainda não tinha percebido, algo que uma imagem, uma câmera de vigilância acabou mostrando. Um outro olhar, vamos supor que seja algo vulnerável. Uma câmera mostrou que falta fiscalização em algum ponto. Talvez isso vire uma pauta para a gente mostrando, olha, olha como é importante. Então a câmera determina sim, a imagem determina.

Em sua opinião, qual o objetivo desse uso, você já falou. Quais seriam as vantagens e desvantagens desse uso, dessas câmeras. Você falou um pouquinho já, que é o serviço. Qual seria a desvantagem nesse caso?

Você não tem uma qualidade muito boa, normalmente, você tem câmeras com uma qualidade bem ruim, às vezes. Mas é a importância da informação é que está contando naquele momento. Então, mesmo que a imagem, não seja boa, a imagem pode elucidar algo, a imagem pode trazer uma informação para alguém, pode ser uma informação de serviço, um indício. Então, ela vai ajudar a alguém. É isso que nós contamos. A imagem não é muito boa, mas essas câmeras estão cada vez melhores, né?

Você acha que existe, com esse uso, uma aproximação com o telespectador, na medida em que essas imagens parecem mais reais, mais familiares, que eles mesmos podem produzir?

As pessoas estão participando mais. Os equipamentos eletrônicos baratos, pequenos, de boa qualidade estão, estão invertendo a coisa. Era difícil você ter uma participação efetiva porque os equipamentos não permitiam. Você ter uma grande câmera de qualidade, não permita. Hoje não, cada um tem um celular na mão, uma boa câmera, então isso facilitou que você participe. Você está participando da notícia, você está contando, todo mundo está contando um pouquinho da história. Então, o jornalismo está resgatando isso. Eu fiz um pedacinho da história e eu posso mostrar um pedacinho dessa história que isso importa a muita gente. Tem muita gente interessada em ouvir essa história. Mais ou menos isso.

Muitas dessas imagens já forma vistas na internet, na rede, postadas. E a televisão, em sua maioria, algumas se apropriam desses vídeos e vice e versa, também postam vídeos que já foram na TV. Você acha que essas duas mídias se retroalimentam, até por uma questão mercadológica de audiência?

Há uma preocupação muito grande com isso, para saber se é real, se não é, se é há montagem, se não. Então, no nosso caso, para uso jornalístico, há uma preocupação muito grande. Quando uma imagem vai para a internet. Ela é real, a gente checa, procura saber de quem é, vai atrás de quem é, credita quem é, dá o nome, normalmente a gente credita. Quando não se encontra, diz que está na internet, então há uma preocupação muito grande de preservar a autoria dessas

imagens. No caso das câmeras que são da cidade, nós usamos as câmeras e a todo tempos nós dizemos assim: “câmeras da prefeitura do Rio de Janeiro”, então, nós deixamos claro a autoria, a quem pertence. Nós usamos as câmeras da Ponte Rio-Niterói. Câmeras da CCR Ponte. Imagens cedidas, às vezes, pela polícia: imagens cedidas pela polícia. Deixamos bem claro a autoria. Mesmo porque, há um risco de você denegrir a imagem de alguém, então, há uma grande preocupação nisso. Ou usar uma imagem que está na internet, como uma montagem, né? Então, a gente checa, a gente checa, há uma grande preocupação com isso.

Nossa próxima pergunta é exatamente isso: como efeito o processo de checagem e apuração das imagens, que muitas vezes são imagens anacrônicas, né? E aí, o *lead*, o famoso, *lead* – o quê, quem, quando, onde, como e por que, ele tem uma mexida. O que importa mais no *lead*, né? O que você pinçar desse *lead*?

Essa checagem é muito importante. Às vezes é uma imagem sensacional, mas que aconteceu ... Eu já recebi imagens: “olha só um acidente que aconteceu aqui no meu bairro agora e tal”. Aí, você vê o acidente, sensacional mesmo. Uma roda que atropela todo mundo, não sei o quê, parece um acidente, uma coisa bárbara. Aí, quando você olha direitinho, como a imagem é um pouco distorcida, você não consegue identificar direito o onde e como. Aí, você vai, olhando com calma, você vê que aí você olha numa letra e vê que esse Posto não existe no Brasil. Ah, essa roupa é uma roupa estranha para o Brasil, não tem aqui, parece que está muito quente para usar uma roupa desse jeito. E aí você vai pesquisar, entra na internet, começa a pesquisar, e se dá conta que esse vídeo era de outro país, que saiu há dois anos. Então, você ver. Divulgar um vídeo que parece sensacional é um perigo. Então, a gente está sempre preocupado, nós estamos sempre preocupados. Tem que saber da onde vem esse vídeo, quem é o autor. O autor assina, olha eu sou o autor, eu estou assinando por ela, é uma grande preocupação nossa. Creditando a responsabilidade dessa pessoa. Todo mundo tem responsabilidade pelo o que está fazendo.

Quanto à qualidade técnica, você já falou, né?

A qualidade técnica, ela tem uma coisa super importante. A gente começou a usar aqui imagens do trânsito, de computador, transmitidas pelo computador, era uma câmera pequenininha que transmitia, era super ruim. E aí, a gente começou a testar no Radar, começou a testar e aí a gente botou no ar. Chegou uma hora que olha: é importante. Se vocês têm uma informação importante, mesmo que ela dá uma travada assim, se a informação for importante e rápida, tudo bem. Vamos assumir esse problema na imagem. Começamos a assumir, a gente usava com parcimônia e tal até que veio, mas a gente começou a desenvolver o sistema, a gente ainda não usava. Era um computadorzinho com aquela camerazinha. Até que veio no Alemão, a ocupação do Alemão. Na ocupação do Alemão, naquele dia, uma equipe subiu com esse computadorzinho, porque era fácil de carregar, não dava para levar uma câmera, mas dava para levar o computadorzinho. Eles transmitiram ao vivo lá do alto. Então, naquele momento, justificava uma imagem ruim, mesmo que ela não era tão boa, mas mostrou o que estava o Brasil inteiro olhando aquela ocupação que tinha um valor muito importante, Então você vê que o valor da imagem é que vai determinar o uso ou não.

As imagens de circuito interno, quase sempre estão ligadas a algo trágico, né? Videovigilância: ou para monitorar, ou para defesa. No seu caso, é serviço. Você acha que é isso que é um pouco o que o povo quer ver? Essa prevenção?

Acho que não. As câmeras não estão ali só para pegar coisa trágica. No caso, o trânsito não é trágico, é serviço. Às vezes é chuva. Às vezes, até mesmo as câmeras estão para pegar algo trágico ou mostrar algo diferente. Na verdade é a informação, o que é interessante naquele momento. O que é a notícia naquele momento. Então, se for algo trágico, será algo trágico; se tiver algo de serviço, será algo de serviço. Cada caso tem um caso. Você pode pegar um tombo, por exemplo, numa câmera de serviço e o tombo pode ser engraçado, e pode todo mundo achar engraçado, ir para internet, ter um milhão de acessos... Às vezes um tombo, às vezes uma coisa engraçada, não é só no trágico que as pessoas estão interessadas.

É difícil escrever um *off* para essas imagens? Considerando que muitas vezes se acaba narrando o óbvio? “O ladrão abriu a porta, estava de boné branco...” Você acha, nesse sentido, que texto e imagem se rivalizam?

Você tem que levar em conta vários fatores. Às vezes alguém está assistindo televisão e fala assim: mas poxa, eu estou vendo, porque ele está falando exatamente o mesmo. Mas imagina de manhã: está todo mundo, realmente, paradinho, só olhando para a televisão? Nem tudo. As pessoas, às vezes, de manhã estão tomando o seu café, estão se arrumando, não estão ouvindo e vendo, ouvindo e vendo. Ela está fazendo as duas coisas. Então, eu estou narrando, estou ajudando essas pessoas. Há de tudo um pouco. E há um pouco de você complementar a imagem. Você diz: esse pano caiu, eu vi que ele caiu. Mas ele caiu, escorregou em alguma coisa, que talvez você não tenha visto. A gente pode agregar alguma coisa à informação. Mas você sempre encontra, pode chamar a atenção de alguém que não está vendo, pode chamar a atenção. Há de tudo um pouco nessa história, não só está narrando exatamente o que eu estou vendo. Nós estamos ajudando todo mundo ali naquele momento, Não imagine que está todo mundo parado, prestando atenção naquele momento. Uma sala de televisão, mesmo que você esteja ali prestando atenção, você está com a sua família, você está conversando, tem criança passando, tem cachorro passando, a casa está em movimento e se eu falar algo que te chame atenção, você para para olhar. Nós estamos querendo chamar a atenção para algo importante. A casa não está parada, todo mundo em silêncio, só prestando atenção. Não. A casa está em movimento, a casa é viva. A casa de todo mundo é assim.

Hoje qualquer pessoa, como você também antecipou, pode gravar um acontecimento que tenha valor-notícia, a ponto de entrar num telejornal. Qual a sua opinião sobre o futuro do telejornalismo. Você acha que isso pode causar um impacto nas equipes, um enxugamento, você acha que isso pode mexer de alguma forma?

Não sei, o tempo vai dizer o que vai acontecer. Eu sou do tempo que era máquina de escrever, veio o computador. Depois do computador, nós temos os *tablets*, do *tablets*, o celular que é menor, que a gente manda tudo. A gente precisava ter uma máquina fotográfica ou câmera grande para poder botar no ar, hoje em dia do celular, qualquer repórter faz, colabora, a gente já faz e já filma e traz. Acho que faz parte da modernidade. Isso vai mudar com o tempo e nós vamos nos acostumar. Acho que a participação será cada vez maior. Até o ponto das câmeras

se tornaram nossos olhos, a nanotecnologia e com isso, cada vez mais, teremos formas diferentes de fazermos. Às vezes da própria casa, talvez a internet ocupe muito esse espaço. O futuro vai dizer o que vai acontecer, né? Mas eu acho que não vai ser: um vai acabar e o outro vai morrer. Sei lá, uma forma diferente de fazer a coisa.

Para finalizar, Edimilson, rapidinho, Como você classifica essas imagens: um jornalismo colaborativo, uma tendência, um esvaziamento ou um perigo?

Não sei te dizer. É uma fase importante que as pessoas colaboram, não sei te dizer como isso vai evoluir. Mas eu vejo com muita tranquilidade. Eu acho que se é importante para elucidar um crime, se é importante como serviço... A gente teve uma fase lá naquela chuva muito forte que teve no Rio de Janeiro, a gente transmitiu o dia todo com as câmeras da cidade. A gente mostrou aqui que tem um serviço muito grande atrás disso. São câmeras da cidade a serviço da cidade. A gente estava ali prestando um serviço para a cidade. Então, mostrava que as pessoas não deviam sair de casa, mostrava que estava tudo alagado, mostrava que era um rico para as pessoas. Feito com muitas câmeras da própria cidade. O tempo vai dizer para onde isso vai. Acho que está em curso. Vai mudar? Acho que vai mudar, a tecnologia vai mudar, teremos uma tecnologia mais avançada. Onde todo mundo talvez vai poder transmitir com seu próprio celular. Enfim, fazendo com critério, com respeito, com seriedade, acho que tudo pode e as pessoas estarão interessadas sim, mas o tempo vai dizer.

Perfeito, Edimilson. Obrigada pela entrevista.

Tenho que sair correndo porque eu tenho mais um Radar.

Humberto Nascimento – SBT

Vamos lá então, começando a entrevista com Humberto Nascimento, editor-chefe do SBT Rio. Identificação, emissora e cargo atual, Humberto?

Humberto Nascimento, editor-chefe do SBT Rio. Sou jornalista, formado desde 1989. Comecei como repórter, da antiga e extinta Rádio Jornal do Brasil AM. Depois fui ser redator, redator-chefe, saí... Fiz alguns trabalhos ainda em rádio. Rádio Continental, que eu nem sei mais se existe ainda, que era no prédio da rádio Tupi e tal, depois fui logo para televisão. Fui para a CNT, comecei a fazer produção, fiz um pouco de apuração, depois fui para a chefia de reportagem, aí fui ser editor. E lá na CNT mesmo, em noventa e dois, noventa e três, surgiu um jornal local, que na época não tinha, era só um jornal de rede. Surgiu um jornal local e aí eu virei editor-chefe. Com pouca experiência, até, mas aquela coisa de emissora pequena... Pobre, faz com o que você tem ali, né? E dali eu segui a minha trajetória dentro da televisão. Não saí mais de televisão. Depois da CNT, fui para o SBT, comecei a trabalhar do SBT Brasil, na época com Boris Casoy e aí fiquei dois anos no SBT. O Boris recebeu um convite para ir para a Record e aí levou a equipe toda do SBT em vários estados. No Rio levou todo mundo. Foi todo mundo. Foi repórter, foi a chefia, foram os editores, todo mundo se mudou

de mala e cuia para a Record e aí fiquei na Record mais seis anos nessa situação. Saí, fui para a Globo, fiquei pouco tempo, fiquei um ano na Globo, voltei para o SBT, fiquei mais um ano, recebi uma outra proposta da Record, voltei para a Record. Assumi o Balanço Geral, depois o Tudo a Ver Rio, depois tinha um quadro dentro do Hoje em Dia, um quadro local também, que era o Hoje em Dia Rio, fiz alguns meses e depois saí da Record. Saí da Record, fiquei um tempo fora do mercado, alguns meses. Fui para a BAND, dirigir o Programa da Cidinha. “Cidinha Livre”, quando ela retomou a carreira dela na televisão. Ela estava afastada, fez rádio muitos anos, mas estava afastada da televisão, retomou com o programa Cidinha Livre. Ficamos um ano no ar até o Programa ser extinto. O programa foi extinto, recebi um convite para voltar novamente para o SBT, e eu estou de novo no SBT desde então.

Isso. A pesquisa, ela é voltada para o uso dessas imagens amadoras e de videovigilância na narrativa telejornalística. Eu queria saber a sua opinião em relação a isso. O uso desse recurso no produto telejornalístico que hoje é mostrado em larga escala.

Hoje em dia todo mundo filma, né? Celular, televisão hoje em dia usa muito vídeo amador. Eu acho que cinquenta ou sessenta por cento dos vídeos que a gente coloca, pelo menos no SBT assim, a gente coloca mais vídeo amador até do que produção própria, porque a quantidade do que se produz é muito farta e muito rica, do ponto de vista jornalístico, né? Esses vídeos de câmera de vigilância, para um jornal que tem uma cobertura policial grande, se tornaram imprescindíveis, você dispor disso aí, né? Quando tem, quando tem um flagrante de um assalto, ou mesmo de um assassinato, dependendo do tipo da imagem, né? Porque às vezes a gente tem que trabalhar a imagem para não chocar tanto, né? É lógico que a gente vai usar isso. O uso, às vezes abre o jornal com isso... Até porque a busca do “exclusivo” no horário do SBT Rio, por exemplo, você tem dois jornais muito fortes, são três jornais muito fortes, na verdade. O RJTV 1ª edição, que já é um jornal consagrado, a Globo é líder de audiência, o Balanço Geral, que é um jornal consagrado também, já há um tempo, eu acho que pelo menos há sete anos que está no ar o Balanço Geral. Eu fui até um dos primeiros editores-chefes do Balanço Geral, fui o segundo, o primeiro foi a Cris Moreira. Fui o segundo editor-chefe do Balanço Geral. E o SBT Rio que mudou muito a característica, era um jornal tradicional, de bancada e tal e a partir de dois mil e nove, ele mudou. Passou a ser um jornal apresentado em pé, opinativo e tal, na linha com que é feito no Balanço Geral e com o que a Globo passou a fazer também no RJTV 1ª edição. Então, assim, nessa disputa por audiência, três jornais muito fortes nesse horário de meio dia, você tem que vir com alguma coisa, com algum diferencial e alguma coisa exclusiva. Televisão é imagem, é difícil você ter uma imagem exclusiva todo dia, mas câmera de segurança, se você procurar, você acha. Então assim, o diferencial passou ser isso, muitas vezes. É claro que, às vezes se perde um pouco, é empregado sem muito critério, naquele afã de dar a notícia em primeira mão, de furar com a concorrência, se dá com pouca apuração, ou às vezes nenhuma apuração, e aí se comete algumas mancadas, se exagera na dose, entendeu? De colocar uma imagem que possa chocar muito. Até vou citar um caso de uma emissora do Ceará que botou uma cena de estupro, entendeu? Uma menina de nove anos. A emissora até foi retirada do ar lá no Ceará, ficou um tempo fora do ar, porque você não pode usar o contexto de uma cena dessas sem um tipo de tratamento, sem uma explicação. Ainda mais no horário que foi exibido, horário

do meio dia e tal. Às vezes se passa do ponto. Muitas vezes a própria policial já dispõe dessas imagens e não passa para a imprensa, justamente temendo o tipo de tratamento que vai ser dado. Até hoje, por exemplo, as imagens da invasão do Fórum de Bangu, que morreu um garotinho, um policial militar também foi assassinado lá na reação, aquela tentativa de resgate, as imagens estão lá, na Divisão de Homicídios, e eles não passam porque as imagens são fortíssimas, entendeu? Eles têm medo que a imprensa coloque aquilo de uma maneira gratuita e agora, passado o momento até totalmente desnecessária. Então, assim, tem que ter um certo critério na divulgação dessas imagens, mas, ao mesmo tempo, também eu reconheço que é difícil, na correria desse jornal de meio dia, é um jornal corrido para todas as emissoras. As equipes entraram, às vezes, sete, oito horas da manhã e você tem duas, três horas, no máximo, para fazer uma matéria, para conseguir uma coisa exclusiva e botar. Então, o risco de entrar uma coisa fora dos padrões normais e éticos é maior do que num noticiário da noite, que você tem todo o dia, para olhar depurar aquilo e tal. A incidência de erros é muito maior nos noticiários da manhã, né? Os vespertinos é muito “maior”. À noite você tem mais tempo de trabalhar isso aí. Mas são duas coisas: se tornou fundamental, essas imagens se tornaram fundamentais, mas ao mesmo tempo é uma coisa perigosa da maneira que se use isso. Se você estourar muito “sensacionalisticamente”, você pode enveredar para um caminho aí meio perigoso.

E como é que é feita essa negociação dessa imagem? Há algum incentivo, alguém alimenta algum site que peça essas imagens? Como é que é essa negociação? Em termos de cessão e como é o processo de escolha dessas imagens. Vou usar essa ou não vou usar essa. Esse é o melhor flagrante, esse é o exclusivo, essa a emissora concorrente vai dar e eu vou dar também... Como é feito?

A negociação se tornou muito fácil porque agora você tem centenas de blogs, sites, redes sociais que publicam dezenas de vídeos. Vídeos assim sensacionais. Publicam diariamente, né? Então, você tem uma oferta muito grande. E os próprios repórteres na rua. Toda casa, todo comércio pelo menos, comércio razoável assim, tem uma câmera de segurança que pode estar perto de uma cena de um crime. Então, o repórter ali mesmo em campo, ele mesmo negocia, ele tem liberdade de negociar e não vou mentir que as chefias incentivam sim. Acho que em todas as emissoras, porque nessa busca da audiência, da concorrência, se você não der, o outro vai dar. E o outro vai dar e aí pode fazer um estrago na sua audiência daquele dia. Então, de um lado tem a ética se contrapondo às vezes à audiência. Então você tem que medir e pesar o que vale a pena. Naquele dia, se você acha que a imagem é uma imagem palatável para o horário, ou você vai dar fazendo um alerta antes de divulgar aquelas imagens, ela pode entrar num contexto aceitável. Até a Veja publicou recentemente umas cenas terríveis daquele massacre lá no presídio lá no Maranhão. A Veja publicou no site, explicando que ela estava publicando como uma alerta porque o Brasil não tinha tomado dimensão daquilo. Então, a intenção era de chora. Em condições normais, a Veja não publicaria uma cena com a pessoa decapitando, cenas assim absolutamente terríveis. Mas ela publicou porque o objetivo era esse mesmo. Era chocar, provocar uma repulsa da sociedade. Então, nesse ponto de vista se justifica e tem um objetivo. Impedir que outros massacres aconteçam e tal, provocar uma reação, um repúdio da sociedade ao sistema carcerário do Maranhão. Então, cumpriu o

seu papel. Cumpriu o seu papel social e papel jornalístico. É discutível do ponto de vista ético? É. Mas nesse caso, nesse caso eu apoio a posição da Veja, nesse caso específico eu apoio. Cada caso é um caso. Tem casos de divulgação gratuita de cenas de violência ou de cenas vexatórias que colocar, às vezes até um preso, colocar em posição vexatória, um repórter colocar forçando uma barra para humilhar o preso e tal, isso eu discordo. Eu não acho que seja válido. Eu acho que isso não é jornalismo: você humilhar a pessoa, usar o veículo de comunicação para humilhar, mesmo que seja de um preso. Então, acho que cada caso é um caso. Tem que ser analisado com critério e é lógico que essas imagens polêmicas, elas chegam à redação elas vão ser olhadas e vai ser decidido ali entre, normalmente, entre o editor-chefe, o apresentador, às vezes o próprio diretor de jornalismo, que vão se reunir ali e vão decidir até que ponto vale a pena divulgar ou não.

E existe alguma negociação financeira em relação a isso, ou na maioria das vezes ...

Existe, existe, é normal. Às vezes a pessoa fez um flagrante e tal e ela mesmo oferece, ela mesma procura a emissora e fala assim olha: eu quero tanto, tanto não vale... não podemos pagar, a gente pode pagar isso e tal. Em outros casos não, em outros casos a pessoa oferece de graça a imagem porque elas querem divulgar, em outros casos elas publicam nas redes sociais. Hoje em dia a gente está até comprando pouquíssima coisa, porque as pessoas estão publicando tanta coisa em rede social. Nessas manifestações aí que começaram com o aumento das passagens, em julho do ano passado, a gente usou muita coisa de rede social, mas muita coisa. Porque produziram um material com qualidade inclusive de imagens em HD, então a gente usou, usou direto aquilo. Até porque se a gente entrasse como emissora de televisão, representada com microfone com canopla, a gente corria um certo risco ali. Então, a gente usou muito o amator.

Na hora da edição, especificamente, Humberto, é dada alguma orientação para a montagem dessas imagens, dentro do VT, né? Dentro da narrativa telejornalística. Tem que abrir? Ela tem que ser ilustrada ao longo do VT? Tem um tempo maior para ele, como é isso?

A característica do Jornal SBT Rio é abrir sempre com o “filé mignon”, jornalisticamente falando. O que for melhor. Às vezes é a imagem, e às vezes é uma sonora. A gente abre sempre com o melhor. E pode lógico, durante a matéria, aquela sonora ou aquela imagem, ela pode volta e repetir, mas sempre abre com o melhor. Se for, no caso, a câmera de segurança, é lógico que a orientação é abrir com a câmera de segurança para chamar o telespectador. É lógico que eu estou me referindo a um jornal na faixa de meio dia. Se fosse um jornal noturno já teria outro aspecto, já fosse um jornal no início da manhã já teria uma outra estratégia. Mas o jornal de meio dia é um jornal que tem uma fixação muito precária. Tirando a Globo que tem uma fixação maior, você observa que o índice de *zapping* é muito alto nas outras emissoras, tirando a Globo que historicamente tem uma audiência inercial grande, mas é muito grande. Então, se você não tiver uma imagem muito forte, uma imagem boa para chamar a atenção, qualquer matérias, às vezes, mais ou menos, fraquinha, o telespectador já está trocando, já está trocando. Então, você sempre tem que sair de uma reportagem e já emendar outra com a imagem forte. Tanto é que o SBT Rio, ele não usa, ele não tem nota pelada. Não tem reportagem por nota, não tem. É um VT atrás do outro. Não tem nota, a

gente não dá nota. Nota é dentro da matéria. Se não tem imagem não é notícia para o SBT Rio, não é notícia. Em último caso, se merecer, a gente bota um link com um repórter falando, ao vivo, sobre o assunto. Mesmo sem imagem, mas não entra o apresentador falando alguma coisa sem ilustrar. Não entra, entendeu? As imagens determinam.

E no caso das imagens de videovigilância e também amadoras, você acredita que elas, hoje em dia, determinam a pauta? Eu tenho essas imagens aqui e a gente vai fazer uma pauta em cima dessas imagens.

Nem sempre, nem sempre determinam. Depende do dia. Se você já tem uma pauta muito boa, eu não vou me sentir impelido a cavar uma câmera de segurança. A não ser que o assunto seja absolutamente essencial, mas se eu já estou com uma pauta formada, boa e o dia já é um dia quente com muito factual, com muito assunto, não. Agora, se alguém chega com uma imagem, ou me mostra: olha, tem uma imagem sensacional de uma situação de um flagrante ou de um surf ferroviário, ou às vezes de um crime, quando a imagem é muito boa e aquela imagem é lógico que é importante para o contexto do jornal, aí pode virar. Eu posso derrubar uma pauta: não, vamos derrubar essa matéria aqui e vamos fazer a partir dessa imagem aqui, que a gente vai construir uma outra reportagem. Isso acontece muito.

E aí eu queria saber um pouquinho das vantagens e desvantagens desse recurso, quer dizer, a vantagem você já falou um pouquinho ao longo da nossa conversa. E se tem alguma desvantagem para você. Se você acha que o uso excessivo, talvez, dessas imagens tem alguma desvantagem no jornalismo contemporâneo.

Não, é. Eu acho que a desvantagem é que a gente está vai cada vez mais botando um jornalismo descritivo e não investigativo, que é o jornalismo que eu gosto mais. De você pegar, correr atrás do documento, fundamentar, embasar, faz a denuncia, depois “suinta” o caso e tal. Você simplesmente coloca imagens e começa a descrever o que aconteceu isso, isso, aquilo, que o telespectador de certa maneira já está vendo. Então o jornalismo fica muito descritivo, o jornalismo fica pobre no ponto de vista intelectual. Fica pobre. Ele é válido, do ponto de vista jornalístico, é lógico que é válido, uma imagem forte e tal. Televisão é imagem, mas a gente não pode ficar. Acho que tem que ser bem dosado. A gente não pode ficar só refém da câmera de segurança. Se não investir em pautas especiais, mesmo que perca tempo. Às vezes você demora dois dias em uma pauta, mas sai um belíssimo trabalho de reportagem, investigação e tal, coisa que merece até prêmio. Acho que está faltando isso. Por essa coisa de competição, disputa, de audiência, a gente acaba sendo um pouco imediatista, entende? Então, a câmera de segurança é fácil. Está ali na mão, opa! Vou botar, eu já garanto ali cinco minutos. Um minuto e pouco da câmera, mais o comentário e tal. Então, pelo menos cinco minutos eu já vou ter ali. Dez por cento do jornal, eu já estou com uma câmera de segurança, eu já garanto dez por cento do jornal. Então, fica muito imediatista. Quer dizer, os jornais estão ficando muito poluídos de câmeras de segurança. Todos eles. Até a própria TV Globo vem se rendendo, em certos horários, vem se rendendo à câmeras de segurança. Ela tem dado com muita frequência. O jornalismo está ficando muito imediatista, está ficando. Por um lado eu acho que a gente empobrece, empobrece porque perde essa característica que é uma coisa importante no jornalismo que é a investigação. Embasa bem a reportagem.

Quantas reportagens serviram de fundamento jurídico para prova, para processo? Vários promotores, delegados de polícia, juízes, fundamentaram decisões baseados em belíssimas reportagens, bem fundamentadas. Coisa cada vez mais rara e mais difícil de você fazer, em função até da escassez de recurso humano que você tem para isso.

Você acha que existe uma aproximação com o telespectador, na medida em que essas imagens parecem mais reais. Ou seja, eles fazem essas imagens, e aí, eu de certa forma estou pertencida aquele telejornal. E existe aí um ciclo, eu “sou vista né”? Eu estou familiar, vamos dizer assim. Essas imagens estão familiares a mim. A câmera de segurança está ali e eu já me familiarizei com isso e isso está no jornal. Isso garante, de certa forma, minha “audiência”.

Com certeza tem isso. Por exemplo, é diferente você colocar um *link*, com a entrada de um repórter, bonitinho ou bonitinha, na entrada da Rocinha e dizer que teve um crime lá dentro. Ou que desapareceram com o pedreiro Amarildo e tal. Outra coisa é você botar câmeras de segurança á na escadaria, lá na Rocinha mostrando que o cara passou. Que o pedreiro esteve ali. As pessoas se sentem. Ah, aquilo não é ficção, a imprensa não está aumentando, não está exagerando, de fato tem uma situação ali. As pessoas se sentem representadas também naquela cena.

E sua opinião, você já deixou claro no seu discurso, essa questão mercadológica, né? É para, manter a audiência, enfim, que a gente tem que dá o furo. Mas, considerando que muitas dessas imagens já foram para a internet e a televisão se apropria dessas imagens, existe uma retroalimentação dessas duas mídias. Qual a sua avaliação em relação a isso?

É, a internet ela “starta”, as vezes. A internet não é – ainda não é – massa. Às vezes o cara publicou uma imagem num blog. O blog tem, sei lá, por mais que o blog seja de sucesso. Vamos supor: um blog aí com cinquenta mil de visualizações dias, é um blog de sucesso. Mas quando vai para uma emissora de televisão, mesmo que de porte médio, a visualização já passa aí para a casa do milhão de telespectadores. É muita coisa, então, alavanca, então aquela imagem que você publicou a partir da internet, ela vai para a televisão e é lógico que você vai dizer que você tirou do blog tal e tal. E aí vai realimentar os acessos daquele blog e realmente vira um ciclo, entendeu? Uma alimenta a outra.

Como é que é feito o processo, você já até falou um pouquinho também, de checagem e apuração dessas imagens, já que muitas vezes são imagens anacrônicas, aconteceram já há algum tempo e isso de certa forma remexe o *lead*, né? Uma coisa que era aí no “antigo jornalismo”, se é que a gente pode falar assim. O quê, quem, quando, onde, como e por que, eram algumas das perguntas essenciais que eram respeitadas. Como é que fica esse processo de apuração, já que muitas vezes existe esse imediatismo e que o quê importa mais, o quando e onde já podem ficar numa escala menor.

A gente, no SBT Rio, como é um jornal local, a gente fica fiel à coisa de ser jornal local. A gente não dá em hipótese nenhuma imagem de outro Estado ou de outro País. Algumas emissoras até usam esse recurso e não botam onde é que aconteceu. De certa forma é um estelionato ali. Um estelionato jornalístico. Às vezes você usa uma coisa do Maranhão, de São Paulo, uma câmera de segurança, um assalto, um assassinato num jornal no Rio e você não diz que é em São Paulo. Então a pessoa está achando que é aqui no Rio. Até ela perceber que é outro

Estado, já se passaram ali três, quatro minutos, que são importantes nessa coisa de contagem de audiência, mas aí é você usar da artimanha, isso aí eu não acho correto, eu não concordo, eu não uso nada, nenhuma imagem que não seja do Estado. Esse é o primeiro ponto. Também não uso nenhuma imagem que seja antiga. A não ser que tenha uma justificativa. Uma pessoa que estava foragida cometeu um crime há cinco anos. Aí, se descobriu que tinha uma câmera de segurança que prova que ele cometeu o crime. Aí, é lógico que a gente vai dar, entendeu? Aí, se justifica. Mas fora disso, eu não vou usar uma imagem que tem uns cinco anos só porque é uma imagem sensacional. Ou imagem de um acidente de trânsito que ocorreu semana passada. Para televisão, já era. Não justifica usar. Só pelo sensacionalismo? Só porque é um acidente espetacular, do ponto de vista da imagem? Não, eu não usaria. Eu não usaria. A gente usa esse critério. O que a gente usa, a gente usa imagens de câmera de segurança, a gente usa imagens de vídeos amadores, cinegrafista amadores, mas dentro de um contexto jornalístico de importância e de proximidade. A coisa aconteceu no Rio, no Estado do Rio e aconteceu e é recente. É recente e está na mídia. Está na mídia impressa, está nas televisões, está nas rádios, então tem um interesse do público, então a gente vai, a gente vai dar, entendeu? Caso contrário não tem por que, entendeu, não tem por que. E em relação à checagem é lógico que a gente também tem que, às vezes, a gente não tem uma garantia, a gente não tem um atestado de idoneidade da pessoa que fez aquele vídeo. Ainda mais em época eleitoral, a pessoa pode fazer um vídeo para comprometer determinado partido ou determinado político, né? E a gente tem que perceber se aquilo é ou não armadilha. Então, às vezes dá, baseado na declaração de uma pessoa que está tentando desmoralizar um outro e tal. A gente evita, ou só vai dar depois de muita checagem de ouvir as duas partes, entendeu? Senão, não vai dar.

Quanto à qualidade técnica. Eu digo de enquadramento, equipamento dessas imagens?

É. Essas imagens são amadoras, a gente não pode exigir que se tenha qualidade. Às vezes é um borrão. Mesmo esse borrão ajuda a contar a história e é importante. Tem o seu peso, né? Às vezes é a imagem toda tremida, às vezes é um chicote de câmera e tal, mas mesmo aquele chicote de câmera registrou uma cena importante. Então, é válido. Porque a coisa da alta definição de imagem, imagem perfeita e tal, ela é muito cobrada pelo telespectador quando é a coisa artística, né? Quando é uma novela, quando é um cinema. As pessoas querem ver uma imagem plástica, uma coisa bem trabalhada. No jornalismo é o cotidiano das pessoas, o cotidiano das pessoas não é em HD. Às vezes é um cotidiano muito sofrido e tal. Não choca para o telespectador ver uma imagem de câmera amadora, porque ela sabe, ela entende que aquilo é uma situação atípica, que a gente está usando aquilo de forma atípica, que não foi um profissional que fez. A gente pegou porque justifica dentro de um contexto jornalístico dar aquilo.

Você falou em sofrimento, né? Essas imagens, principalmente as de vídeos de segurança interna, elas estão sempre ligadas a algo trágico. Justamente porque elas estão ali para prevenção. Você acredita que é isso que o povo quer ver? Como você citou o Amarildo ali, você acha que existe também essa demanda do povo querer ver essas imagens? Se acostumar com essas imagens?

Acho que o povo quer ver o que é importante e impactante na vida dele. E, às vezes, é a tragédia. Só que eu acho que essas coisas são cíclicas, né? Acho que o Rio tem uma tradição maior até a que de outros Estados de ter uma cobertura jornalística policial muito grande. Isso já vem mais de vinte anos. Os jornais ou mesmo, mesmo os impressos e tal, têm um destaque maior. Só que eu acho que isso está arrumando porque agora surgiu uma cobrança por ver nos telejornais uma questão de mobilidade urbana que as pessoas não estão tendo, de cobrança em cima da questão política. Das coisas acontecerem e não acontecem ao contrário, quando acontecem, acontecem com muito atraso. Então eu acho que a tendência é ter uma acomodação aí. Diminuir um pouco do peso da polícia no noticiário. Até então todo mundo vinha com muita coisa, mas eu acho que do meio do ano passado para cá, nos apontou um outro caminho aí intermediário, que eu acho que vai prevalecer aí nos próximos anos. Você repara até que a audiência dos noticiários muito policiais, com uma carga policial muito grande, vem caindo. Me lembro claramente do Aqui e Agora, estou falando de um fenômeno desse tipo. O Aqui e Agora foi um fenômeno na década de oitenta, um jornal essencialmente “policialesco”. Muitas notícias de crime de violência e tal, comum toquezinhos de coisas engraçadas, uns quadrinhos e tal, mas essencialmente “policialesco”. Ele veio bem, quase uma década, incomodando até a TV Globo, na época dava picos de vinte pontos o que era... Hoje em dia é impensável você imaginar uma emissora, fora a TV Globo, dando isso à tarde, né? Enfim, mas chegou um ponto que cansou. Cansou e quando esgotou o interesse do público, deu uma queda vertiginosa até sair do ar. Hoje em dia está se voltando. Muitas emissoras voltam com essa aposta jornalística. O próprio SBT tem programas mais carregados de forma policial, mas a gente está tentando agora entender um pouco mais o que o público quer e está querendo tirar um pouco a carga, tirar um pouco da carga policial. Operação. Operação da PM na favela do Dendê, do Morro do Dendê, aconteceu hoje. A gente não foi, não foi. Porque para dar mais do mesmo, para dar uns caras correndo atrás do nada para mostrar a apreensão, não! Se tivesse um desfecho, prendeu um cara importante, aprendeu sei lá quantas toneladas de cocaína, ok. Mesmo que faça na delegacia, vai fazer, Mas fazer o show pirotécnico, a correria da polícia na favela pura e simplesmente dar tiro, sobe som de tiro, para a gente, a gente não corre mais. A gente não vai correr mais. Até porque expor a equipe a risco há um risco e não justifica. O povo também se cansou um pouco do show. Da operação policial como show. Sem sentido, sem desfecho. Eu prefiro investir numa investigação da Polícia Civil que eu vou ter um grampo telefônico, que eu vou ter um documento, que eu vou poder embasar que vai ter um desfecho, vai prender uma quadrilha perigosa, importante e a prisão daquela quadrilha representa um bem para a sociedade e tal, então, aquilo tem um fim. Eu prefiro dar isso. Mas o show, pelo show eu não quero dar mais. Eu cansei porque eu vi que cansou.

E sobre as imagens ainda de videovigilância e de câmeras amadoras, o texto e as imagens elas se rivalizam, porque é difícil você não narrar o óbvio, né? Abriu a porta, saiu, entrou assaltou, pegou uma arma... Vocês utilizam até muitos recursos visuais para poder destacar mesmo o que é mais importante. E aí, existe esse empobrecimento textual mesmo?

Existe muito esse empobrecimento, até porque, as emissoras como são concorrentes, têm jornais fortes nos horários, elas têm que dar logo. Porque se elas segurarem muito, a outra vai dar na frente. Então, antes, você tinha tempo de

pegar aquela imagem e trabalhar. Trabalhar junto com uma investigação, você complementava com uma sonora, você, às vezes conseguia um documento. Uma outra coisa que desse mais respaldo a uma determinada imagem. Hoje em dia você não tem mais tempo. Ou você dá, ou você vai ser furado por uma emissora concorrente, ou às vezes até pela internet, até por uma rede social, um blog vai ter furar. Assim, pela rapidez, pela pressa em querer dar na frente das outras e tal, pela competição, que é acirrada, você dando só o óbvio, você está apenas narrando o que as pessoas já estão vendo. Ou você não pode botar um vídeo de vigilância, que normalmente não tem áudio, como você não pode botar ele mudo no ar, porque senão dá a impressão que aconteceu algum problema técnico, você coloca um repórter ou, às vezes, um apresentador narrando aquele vídeo, mas ele está narrando o óbvio, está narrando o que todo mundo está vendo. Existe esse empobrecimento.

Hoje você mesmo já falou que qualquer pessoa pode filmar um acontecimento, que acaba tendo esse valor-notícia. Uma escuridão pode ser um valor-notícia, dentro de um contexto. Enfim, de ter relevância ao ponto de ser exibido em um telejornal. Em sua opinião, qual o futuro do telejornalismo, com o impacto disso tudo e se isso pode criar um enxugamento nas equipes. Quer dizer, eu preencho a minha grade com vários outros recursos e, de certa forma, eu posso dispensar uma ou duas equipes, um ou dois cinegrafistas. Como acontece com os motoristas que são iluminadores, enfim. Isso já é uma prática que está no mercado de trabalho?

Acho que o jornalismo, o jornalismo de grandes empresas, de grandes redações, eu acho que ele vai reduzir, de fato. Acho que o que vai pipocar é o jornalismo digital, eletrônico que você com duas, três pessoas, você monta um blog, você ganha dinheiro com aquele blog, fazendo jornalismo e fazendo um Jornalismo bem feito. Mesmo que com uma câmera amadora, mesmo que sem tanta qualidade técnica como uma emissora de televisão, você vai fazer. E já tem gente fazendo e ganhando dinheiro com isso. O SBT mesmo tem muita parceria com *freelas*, jornalistas formados e tal que tem equipamentos de televisão. Não são contratados, não são funcionários do SBT, mas são os *freelas* fixos, que a gente chama. A gente está sempre contando com o serviço deles, mas a gente não impede também que ele negocie a mesma imagem, às vezes o conteúdo, que às vezes não é só imagem. Às vezes passa pela pauta e tal, negocie com outro jornal impresso ou com a rádio, a gente só veta para uma concorrência de televisão. Isso aí eu acho que vai acontecer e acho que vai expandir. As redações, elas estão diminuindo já há um processo de pelo menos, de pelo menos dez anos que as redações estão diminuindo. Diminuindo em função da audiência que impõe na televisão, da leitura dos jornais que está cada vez menor. Você tinha assinaturas aí... Você tinha a folha de São Paulo na casa de um milhão. O Globo na casa de um milhão. Hoje em dia esses Jornais não passam de duzentos e cinquenta mil. Não passam de duzentos e cinquenta mil assinantes. Jornais que tem na conta de assinaturas. E os jornais pequenos, que não tem assinaturas, dependem de venda de banca. Quem não investir para a coisa mais sensacionalista, uma linha mais ou menos cômica, irônica, tipo o Meia Hora, desapareceu aí, vai desaparecendo. Os jornais estão fechando um atrás do outro, em vários estados. Então, eu acho que o jornalismo vai ter uma acomodação natural, eu não acho que ele vai desaparecer, não tem como. O jornalismo é importante para qualquer sociedade. Desde a descoberta do Brasil, você tinha as Cartas de Pedro Vaz de Caminha, aquilo já era

uma forma de relatar, de noticiar. Então, desaparecer, evidentemente não vai. Só que ele vai se acomodar, ele vai buscar outro caminho que eu acho que é natural, que é ir para essa coisa da internet, buscar espaço, vão ser blogs com vídeos, vídeos com não tanta qualidade técnica, mas que vão dar conta ali vão contar, às vezes um universo ali de um bairro, em vez de pegar, se restringir ou de ampliar para um estado ou para uma cidade; vai se restringir a um bairro. O que é interessante. Quem cobre melhor um bairro do que um blog? Um jornal estadual, não vai ter condições nunca de cobrir bem aquele bairro, mas um blog de bairro, evidentemente que sim. Acho que as parcerias entre as grandes corporações e esses blogs e esses *freelas*, vão acontecer com mais frequência. O tipo de relação de trabalho vai ser diferente, o jornalista, ele vai ter que ser daqui pra frente, um jornalista multimídia. A gente faz um pouco isso no SBT. No SBT todos os editores, todos gravam *offê* eventualmente fazem passagem na rua. Fazem reportagem. Aí, dá a impressão que o SBT às vezes tem dez repórteres, não... É porque s editores também fazem reportagem, entendeu? A gente racionaliza o tempo das equipes ociosas, das câmeras e tal. Câmera no SBT não tem meia hora para parar, a não ser para comer, se alimentar, mas não tem meia hora, parado, sem fazer nada. Qualquer equipe parada meia hora, um editor pega e faz uma passagem pertinho e tal e “amarra” as vezes e um texto que já tem lá junto com o amador que fez. Você faz uma passagem, complementa com uma sonora curta, nas imediações, um povo-fala. É uma forma de aproveitar dando uma cara de reportagem, aprofundando mais, você já pega uma nota, uma apuração, já coloca numa passagem. O próprio editor. São profissionais multimídia. No SBT os editores são apuradores também, eles são editores e são repórteres. Na BAND, o editor de texto é o mesmo editor de imagem. A BAND já faz isso. Já conta com o enxugamento. E é uma tendência, porque na edição não linear, é a mesma coisa que o *copdesk* há alguns anos. O *copdesk* tornou absolutamente desnecessário com o corretor ortográfico e tal, não precisa, entendeu? Você precisa, lógico, você precisa dos editores, da chefia porque o corretor ortográfico, ele é automático, mas às vezes o sentido da construção, ele não vai corrigir. Você precisa do humano, evidentemente. Você precisa. Você não vai eliminar tudo, mas você restringe bastante. Você não precisa só do cara para corrigir erro de Português. E assim, como operar máquina é uma profissão que está caminhando para a extinção. O jornalista hoje, ele tem que ser multimídia. Como é um pouco do jornalista europeu. O jornalista europeu - tive um tempo de férias viajando e tal na Espanha - aí comecei a ver uns *flashes* na rua, o pessoal fazendo reportagem de televisão. E às vezes eu via a pessoa sozinha fazendo. O repórter, ele chegava de carro, com o carro da emissora, ele dirigia o carro, ele pegava e botava uma câmera no tripé, apertava um botão depois no automático, já enquadrava ali e ele fazia a passagem. Foi ele mesmo filmar, o repórter. Ele fazia tudo, um profissional. Você está eliminando postos de trabalho. Então você vai ter que qualificar a pessoa. O jornalista vai ter que ser muito melhor do que ele é hoje. Ele vai ter que ter conhecimento intelectual e vai ter que ter conhecimento técnico também, que muitas vezes não tem. Você tem uma legião aí de analfabetos funcionais, que eu me enquadro nessa legião aí, dessa coisa de computador. Editar no computador? Eu não sei dar um *play* e fazer uma edição não linear. Essa parte eu não sei. Mas a garotada que está entrando agora com vinte e poucos anos, já tira isso, moleza... Fazia de brincadeira em casa desde os quinze. É moleza, entendeu?

Por fim, como você classificaria essas imagens? Como um jornalismo colaborativo, um jornalismo esvaziado ou uma tendência?

Eu acho que é colaborativo. Não sei se é uma tendência, não. Porque eu acho que eu não creio que seja uma tendência porque as pessoas também querem qualidade. E tudo demais cansa. Se você colocar só imagem de coisas acontecendo, vai chegar um momento que as pessoas não vão querer mais ver. Ah, o cara foi assassinado assim. Sim, foi assassinado. E daí? Eu não quero ver um cara assassinado. Mas a emissora está me oferecendo. Sim, ela está me oferecendo, mas eu não quero ver. Eu quero ver uma coisa que me ajude como cidadão. Estou interessando em saber se a gasolina vai aumentar, se a luz vai subir ou não vai subir. Estou interessado nisso. Então, assim: é lógico que chama a atenção, mas tem que ser dosado. Eu acho que é colaborativo. Tem que ser dosado, porque se você começar a botar muita carga em cima disso, eu acho que vai ter uma rejeição e não vai demorar muito. Aliás, eu acho que já está de certa forma já está sentindo, né? Quando a gente sente uma certa repulsa a um exagero de operações policiais que não tem fim, que é só o tiro pelo tiro... Eu acho que essas imagens de câmeras de segurança você de certa maneira só está mostrando ali. Como ilustração, dentro de um jornal de uma hora, você dar duas câmeras de segurança pra pontuar o jornal ali, é válido. Agora, você fazer a metade do jornal, como às vezes acontece em cima de câmeras de segurança, é over, é over. Não vai vingar.

Muitíssimo obrigada, Humberto.

(adendo) Vamos lá, gravando de novo, então. Quais os setores que você já passou dentro do jornalismo.

Eu passei por todos os setores. Desde produção, apuração, cheia de reportagem, edição e roteiro também. Na Manchete eu fiz um programa que eu gostei muito de fazer que é até um estilo de programa diferente, que era o documento especial. Eu não tinha uma rotina fixa. Eu não tinha que ir à emissora todo dia. Eu trabalhava por produção. Apesar de que eu ser funcionário, normal, carteira assinada e tal. Então, era um trabalho gostoso, que era um trabalho de pesquisa e intelectual, porque é texto, né? Então você via as fitas VHS, com *time code* de tudo o que era produzido. E você decupava aquele material todo, roteirizava. O programa não tinha repórter, o programa só com produtores na rua. Alguém tinha que fazer aquele off gigante, dividir em blocos e depois fazer as cabeças para o apresentador gravar e, inclusive, gravar aquele off gigante e ele editava depois. Claro que com um editor para finalizar. Foi um trabalho interessante, porque a linha era uma linha muito popular. O Documento Especial inaugurou no Brasil, não inaugurou, não foi uma linguagem nova no mundo; mas ele inaugurou no Brasil essa coisa do plano sequência. Quem trouxe para o Brasil foi o Nelson Hoinnef, foi o pioneiro que trouxe essa linguagem que hoje em dia é imprescindível em qualquer telejornal popular. O plano sequência onde o repórter começa a narrativa ali, sem corte, já passa, às vezes, para uma entrevista e segue para uma outra cena, tudo sem corte. Foi uma experiência interessante e acho que foi dali que surgiu várias ramificações para os programas populares. Realmente foi uma experiência muito enriquecedora, eu gostei.

Arnaldo Duran – TV RECORD

Gravando então com Arnaldo Duran. Identificação, emissora e cargo atual.

Bom, meu nome é Arnaldo Duran, com ‘n’ de navio. Eu trabalho na TV Record, sou repórter. Repórter e apresentador da Record News, também e tenho só quarenta e três anos de jornalismo, estou começando. (risos) Comecei em 1970.

E os setores por onde você passou?

Fui basicamente repórter, apresentador eventual. Apresentador de programas aqui na TV Globo também, pelos domingos de manhã. Na Record News tinha um programa de cultura. Tive também em São Paulo, num jornal que tinha lá, de uns telejornais. Mas a maior parte da minha vida como apresentador foi como substituto, substituindo o apresentador... Como é que fala?

Oficial?

Oficial.

A pesquisa em curso fala sobre imagens amadoras e de videovigilância, muitos produtos exibidos em telejornalismo, nessas micronarrativas telejornalísticas. Eu queria saber o que você acha do uso dessas imagens na composição do telejornal?

O uso de material de amador? De vídeos produzidos por amador? Acho importantíssimo.

E de videovigilância também.

Ah, isso é mais importante então. Essas imagens, produzidas por câmeras de vigilância, tem proporcionado ao telejornalismo um ganho muito real na nossa qualidade. De como narrar e como apresentar uma notícia. Porque a gente mostra como foi que aconteceu o crime. A gente mostra, muitas vezes, na maior parte das vezes, um assalto, uma ação criminosa. A gente só não conta usando arte, desenho assim, assado ou imagens aleatórias, a gente mostra imagens reais produzidas por essas câmeras de vigilância. É muito importante e acho que foi uma grande contribuição que veio para o jornalismo. A diminuição do custo em produzir uma imagem, né? Porque antigamente era muito caro. Quem podia ter uma câmera, de vídeo, né? E hoje você pode ficar com a câmera vinte e quatro horas ligada. Eu acho bom isso. Foi uma ajuda muito boa, uma contribuição muito boa.

Como é que é feito esse processo de negociação dessas imagens? Há algum incentivo? Como é que é o processo de escolha dessas imagens? Essa é boa, essa não... Essa vale...

Você sabe que hoje a gente tem os amadores profissionais? São os amadores que ficam filmando. Saem para procurar coisas para filmar, para vender para a televisão. Às vezes uma imagem custa duzentos, cem reais, trezentos reais. Na maior parte das vezes, não se paga nada. A maior parte das vezes, a imagem que a gente consegue elas são cedidas pelo proprietário da câmera que é um comércio, a polícia, a própria vítima interessada, alguém interessado na divulgação do fato. Às vezes, na maior parte das vezes, a gente não paga nada não. Mas existem esses amadores profissionais que saem à procura de imagens.

E existe algum incentivo que seja por site?

Tem sim, em todas as emissoras. As emissoras incentivam. Não é na TV Record, não. Todas as emissoras incentivam esses amadores profissionais a produzir esse material e entregar para as emissoras, né? E temo próprio incentivo também, porque as pessoas hoje em dia aprenderam que as imagens são importantes. Muita gente tem flagrante pelo telefone celular, por exemplo. Assim, ele vê lá uma agressão, um negócio qualquer, fica indignado e apresenta gratuitamente esse material. Como assim, se fosse um pouco- como se fosse, não, é – um pouco de exercício de cidadania.

E dada alguma orientação, por parte da empresa na montagem dessas imagens ao serem inseridas na matéria telejornalísticas? Olha, abre com essas imagens, apesar de não serem imagens da casa, são imagens cedidas, mas é o que o povo quer de certa forma ver primeiro. Falo em termos de abertura de VT, de construção de narrativa mesmo, de roteirizarão.

Eu não gosto de um roteiro que comece com as imagens de cinegrafista amador. Eu acho que não fica bom, fica pobre, né? Porque essas imagens não têm uma qualidade estupenda, acho que não é nariz de cera não. Acho que tem que fazer uma introdução, não sei o quê, e preparar o telespectador para o que ele vai assistir, o que ele vai ver, né? Por exemplo: eu fiz uma vez uma imagem que é filmada de uma *go pro*, no carro de uma pessoa e que ele foi assaltado e morto pelo assaltante. Então eu acho que não podia ser a primeira imagem. Tinha que avisar ao telespectador que ele vai ver uma cena incomum, em cena que é forte. E a orientação é do editor sempre, né?

Então, você acredita que esse tipo de imagem, seja de *go pro*, seja de celular, imagem dos amadores ou ainda de videovigilância, de segurança, elas determinam muitas vezes a pauta hoje, no jornalismo de hoje?

Eu acho que sim a própria pauta, eu acho que só existe a matéria porque alguém filmou com o celular, com alguma câmera, com a câmera de segurança. A matéria só existe, porque nós temos a imagem. Por que senão, por exemplo, assim: um cavalo é atropelado numa estrada. Nos tempos de hoje, não é notícia mais. Um cavalo foi atropelado e um gato e um cachorro, um animal atropelado, não é notícia. A notícia não cabe, não comporta isso. Mas se você tem imagens para ilustrar como é que foi, que o motorista foi imprudente, que o motorista foi desumano, que passou, não prestou socorro, nem olhou para trás, acaba virando notícia. Criou o contexto, né?

Em sua opinião, qual o objetivo desse recurso, dentro da seara, da arena telejornalística e quais as vantagens e desvantagens desta prática jornalística?

Posso começar falando sobre vantagens e desvantagens? Acho que a vantagem é toda, toda para a sociedade. Para o jornalismo. Não é um comodismo nosso, dos jornalistas. Quando você tem uma imagem, você diz: ah, ganhou uma matéria! Sim, ganhou uma matéria, mas você tem que editar aquela matéria, produzir um texto, voltar ao local onde foi filmado aquilo lá, confirmar, procurar outras câmeras, outras imagens. Só traz vantagem, eu acho. E esclarecedor, inclusive, pode resolver um assunto policial, um assassinato, ver quem é o assaltante, quem é criminoso. Só traz vantagem. Acho que o objetivo é o telejornalismo mesmo. O

objetivo eu acho que é só enriquecer o material jornalístico oferecido para o telespectador.

Você acha que existe também uma aproximação com o telespectador na medida em que essas imagens parecem mais reais, mais familiares? Na medida em que ele cede, ele participa do programa. Uma vítima cede. Ela foi assaltada e ela cedeu aquelas imagens ali mostrando a cara do suspeito. Você acha que isso acaba estimulando e cria uma aproximação com o telespectador?

Nossa Ana! Sabe o que está me ocorrendo agora? Que depois que a gente começou a usar essas imagens dos telespectadores ficou mais fácil você entrevistar, você conversar com pessoas que foram vítimas de tragédias, naquele momento difícil. Antigamente era complicado, um constrangimento você chegar para essas pessoas e explicar que você é jornalista, que você tem a obrigação de fazer a reportagem. Você sabe que é uma tragédia familiar, mas você precisa fazer. Hoje em dia é mais fácil você chegar. As próprias pessoas participam dessa sua reportagem, da reportagem assim. As próprias pessoas oferecem vídeos. Eu fiz uma reportagem em São Paulo uma vez, que tem um vídeo de uma pessoa que foi atropelada na Rodovia Raposo Tavares, quietinha assim. Pedalando de noite, foi atropelado e o condutor foi embora, o motorista foi embora. Mas aquela família me cedeu a fita que eles tinham conseguido, foi numa comunidade. Eu fui, entrei na comunidade, não precisei pedir autorização a ninguém, me viram como jornalista que quis ajudar a esclarecer um crime divulgando aquela reportagem, né? É uma troca. Ficou bem próximo assim. As pessoas viram naquela comunidade que eu sou o jornalista e não estava lá para ver outros assuntos. Que o assunto era, que o morador daquela comunidade foi covarde atropelado, covardemente abandonado pelo motorista que o abandonou. Você ver: a comunidade viu a importância de filmar aquilo ali.

Então, dentro desse mesmo assunto das imagens amadoras e de videovigilância, você acredita que existe alguma estratégia mercadológica para manter a audiência, já que isso tem uma aproximação do telespectador? Considerando também Duran, que muitas dessas imagens que são dadas na televisão já foram postadas na internet e que essas duas mídias, de certa forma estão se retroalimentando. A internet hoje ainda é um terreno sem lei, as pessoas postam muitas coisas que, não só alimenta a televisão; como a televisão também alimenta a internet.

As postagens aleatórias na internet não têm a credibilidade. Não chega nem aos pés, imagina, nem um milímetro de credibilidade que tem a TV. Quando você paga um vídeo de alguém e transforma aquilo numa reportagem e numa matéria, passa a ter a credibilidade do canal que apresenta, do programa que apresenta, do repórter que é colocado no vídeo, que é escalado para ancorar aquela reportagem. É claro, do editor também. Na internet não tem. Na internet tem muito *fake*, né? Tem vídeos na internet que são produzidos assim de uma forma totalmente falsa, né? Não tem a menor credibilidade. E acho que aproxima sim, o telespectador. Ele se sente participante do programa de TV. Ele se vê na televisão contribuindo também. Se não foi ele, foi o vizinho dele, foi o primo dele, foi o tio, alguém da relação dele forneceu um vídeo e virou notícia. Acho que ele se sente e... Talvez ele não tenha essa percepção e... Mas pode parecer assim que ele se sente mais... Me foge a palavra. Mais participante. Mais colaborativo. Me fugiu a palavra,

quero dizer o seguinte: não é só imposto. Que a gente como jornalista não impõe só as notícias que a gente quer que eles saibam, mas ele contribui de alguma forma também. É contribuinte. Está certo.

E quanto ao processo de checagem e apuração dessas imagens? Já que muitas vezes são imagens anacrônicas e aí mexem um pouco com o lead. O quê, quem, quando, onde, como e por que. Não interessa tanto essa ordem. Você acredita que também existe essa diferenciação de registro: ali tem um fato isolado e isso vira notícia de alguma forma? E dentro dessas imagens, dentro de outro contexto que acaba virando uma matéria, uma reportagem especial?

Olha Ana. Acho que a gente só pode colocar no ar essas imagens, depois de checar, depois de virar uma reportagem de verdade. Você falou em uma imagem anacrônica: saiu na internet uma imagem do gato que sobe assim assado... Eu digo não, não pode por no ar. Você não sabe se é verdade isso ou não. Você não sabe onde foi gravado, quando foi gravado. Eu sou contra esses negócios assim: vídeos da internet. Acho muito chato esse negócio. Muito chato assistir “os dez mais da internet”. Acho que não tem valor não. Acho que tem muito valor assim: se você pegar o vídeo de um fato, de uma imagem, por exemplo, de um posto de gasolina sendo assaltado. Aí você vai usar esse vídeo para fazer uma reportagem. Eu também já fiz uma reportagem de um cão que salvou uma pessoa da piscina. O cão pegou a empregada doméstica que caiu na piscina. Ele pegou assim, pela roupa dela assim, na altura do pescoço assim, na nuca, né? E foi arrastando. Arrastou até colocar essa pessoa na escada na piscina. Só aí quando o cachorro viu que a pessoa estava segura na escada, que o cachorro latiu. Porque até então ele estava com a boca ocupada em arrastar. Isso foi uma coisa magnífica, fantástica. Foi uma reportagem que só causou a emoção que causou porque tinha imagens, né? Você contando, mostrando um desenho, uma arte ou ela narrando como ela foi salva, não teria o mesmo impacto, né? Mas acho que tem que checar, não tem que colocar imagem porque é engraçada, não tem graça nenhuma. Colocar imagem porque é chocante, pode chocar e pode ser uma mentira aquela imagem. Tem que checar sempre.

Quanto à qualidade técnica dessas imagens, qual a sua opinião?

É uma pena, viu? A qualidade técnica é um horror. Ainda, a gente não consegue imagens de alta definição. Tanto que a gente leva assim para especialista, às vezes, para identificar alguém e ele não consegue chegar lá. Ainda é muito baixa a qualidade técnica. A gente tem que descrever o vídeo, destacar, colocar aquele círculo e tal, não sei o quê. Porque ainda não dá. É feito em telefone celular. Ah, e outra coisa, além da qualidade técnica, não estou falando só de definição. A qualidade técnica é o quê? Enquadramento. O amador não sabe como enquadrar. Senão, não precisava ter cinegrafista de televisão. Imagina né? Com tanto estudo, com tanta técnica. Contra luz, por exemplo, ele não sabe o que está contra a luz. Mas aí vale a notícia. Vale você pegar esse vídeo, que está em uma qualidade ruim, e explicar aquilo que está ruim da qualidade, mas que você vê lá no cantinho esquerdo do vídeo, lá no fundo. Está vendo aquela luz lá? Aquela luz é de um carro que vem chegando, logo em seguida, ele vai atropelar alguém, de dentro daquele carro que vem chegando, alguém vai dar um tiro e tal. Vale, acho que mesmo, nessa qualidade técnica ruim e tal.

Essa é a nossa deixa para a próxima pergunta. As imagens de circuito interno quase sempre estão ligadas a algo trágico. Você concorda que isso é o que o

povo quer ver? Existe essa demanda do telespectador, já que câmeras de vigilância ou de circuito interno estão ligadas a algum tipo de prevenção. E pode ser algo trágico, como assalto, morte. Você acredita nisso?

Não é o telespectador, aquele que assiste à televisão, a sociedade em geral. Está havendo uma degradação na sociedade, nos costumes, na cultura, em todos os seguimentos da sociedade. Então, só o que é trágico, o que é ruim. Uma boa ação, por exemplo, é difícil você retratar. Você ver a sociedade se interessar pela divulgação e parar para ler ou para ver uma sociedade. Se for um crime, a pessoa para em frente da televisão e vai assistir. Tanto é verdade, que os programas de maior audiência de televisão inclui crime. Até o poderoso Jornal Nacional, não sei se ele ainda é tão poderoso quanto foi, tem mais noticiários de polícia do que de artes.

Oi Rita!

[Desculpa!]

Não, está tranquilo.

Um minuto?

Tudo isso chama atenção. Eu vi uma cena no metrô, por exemplo, que dificilmente alguém vai colocar no ar que era assim: um casal de velhinho sentados, entrou um outro casal de velhinhos. O primeiro casal de velhinhos sentados no banco do metrô quis dar o lugar deles para a pessoa que estava entrando, as outras duas. E havia espaço para todo mundo lá. Foi comovente a cena. Mas dá audiência? Daria mais audiência se um velhinho desse um soco na cara do outro, né?

E quanto à escrita para essas imagens. É difícil escrever um *off*, considerando que elas acabam tendo uma narração do óbvio? Texto e imagem nesse momento se rivalizam?

Eu odeio texto que fala assim: as imagens mostram o homem pescando... Mas eu estou vendo que ele está pescando. Ele não está soltando foguete, Eu odeio esse tipo de *off*. É um empobrecimento do texto assim. E empobrece até as imagens. Agora, se falar assim, se você chamar a atenção... Olha esse homem que está pescando, você está dizendo o seguinte: Este homem que está pescando no lago tal, você está agregando a informação ali. Este homem que está pescando no lago tal vai fazer um negócio surpreendente. Vamos supor: você está avisando ao telespectador que vai acontecer alguma coisa ali. Aí pega um peixão. Vull. Vem com aquele peixão enorme assim e ele se assusta com aquele peixe e devolve correndo o peixe para a água. Aí você avisou o que vai acontecer: está vendo o que ele fez? Você preparou depois você comenta com o telespectador. Está vendo o que ele fez? Ele ficou com medo do peixe que ele pescou, jogou fora.

Hoje qualquer pessoa pode filmar um acontecimento que acaba tendo, portanto um valor-notícia, a ponto de se tornar relevante e ser exibido no telejornal. Em sua opinião, qual o futuro do telejornalismo e o impacto que isso pode causar na profissão? De repente um enxugamento de equipes?

Eu lamento muito, mas a gente está caminhando para isso, viu? Uma redução nas equipes. Quando eu comecei a trabalhar na televisão, a gente tinha cinegrafista... Começava assim: motorista, iluminador, operador de áudio, cinegrafista, repórter e tinha, do tempo do *Matic*, o operador, né? Nossa... Tinha tanta gente que

trabalhava, Hoje em dia tem... Ah e o Canal Um, de Nova Iorque, quando eu trabalhei lá tinha uma pessoa, solitária, na rua. *New York One*, um canal de notícias. Saía... Ele é repórter, ele é cinegrafista, ele é tudo. Ele sai sozinho, pede para uma pessoa da estatura dele na rua: por favor, você pode ficar aqui no cantinho aqui nesse lugar só para eu marcar a câmera? Marcava o ângulo e ligava a câmera e fazia a passagem dele. Eu acho um empobrecimento muito grande. E sozinho ninguém é ninguém mesmo. Tem que trabalhar em equipe. Pode ser a pessoa mais inteligente do mundo, maior gênio do mundo. Se deixar ele sozinho num canto, dali a seis meses, terá um empobrecimento tão grande porque ele não trocou ideia com ninguém, né?

Por fim, como é que você classificaria essas imagens: um jornalismo colaborativo, esvaziado, uma tendência?

Tendência. Isso é uma tendência. E é colaborativo também. Mas isso não esvazia o jornalismo não. A gente tem que aprender a mexer com esse negócio. A usar esse tipo de imagens, não esvazia não.

Minha pesquisa é intitulada como telejornalismo apócrifo, na medida em que eles pegam essas imagens nenhum tipo de apuração ou tratamento e soltam isso no ar...

Ah, eu posso acrescentar então uma coisa sobre imagens apócrifas? Na televisão tem vários vídeos que mostram esses vídeos assim, assados. Não sei o quê, o cara escorregando. Aí o cara fala: ah, essa besta aí escorregou. Isso é uma coisa, claro, isso é um empobrecimento. Você não sabe do que se trata, não sabe quando foi filmado, só sabe que o cara tomou um escorregão. Mas aquele escorregão foi de verdade? Não sei se foi de verdade. Só vale usar imagens se você conseguir traduzir, se elas virarem notícia de verdade e contribuírem para o noticiário mesmo. Senão, não tem nem... Achamos na internet não sei o que assim. Sim, você achou, mas qual o objetivo? O que tem, né?

Duran, muito obrigada pela sua entrevista.

Aline Grupillo - SBT

Vamos lá então, gravando com Aline Grupillo. Identificação, emissora e cargo atual?

Aline Grupillo, emissora é o SBT, meu cargo atual é editora de texto.

Aline, quanto tempo você tem de profissão como jornalista?

Aproximadamente treze anos.

E quais os setores por onde você passou dentro do jornalismo?

Eu comecei como apuradora, nos estágio, né? Fui repórter durante muitos anos. E mais ou menos de seis, sete anos pra cá, eu fui para a edição de texto, tendo passado nesse período em alguns momentos pela chefia de reportagem da Rede,

no SBT e diretora de jornalismo interina, no caso de férias do diretor que era o Paulo Nogueira.

Então, dentro da pesquisa de câmeras amadoras e de circuito interno, chamado também de videovigilância, qual a sua opinião do uso desses recursos nos produtos jornalísticos?

Eu acho que as imagens de circuito foram o início, do que hoje é uma utilização geral de imagens não profissionais, digamos assim. A gente começou utilizando as imagens cedidas, muitas vezes, na maioria dos casos pela polícia em casos policiais. E a partir dessas imagens, a gente aprofundava a apuração e fazia uma matéria inteira, né? Aproveitava a fonte, que era a polícia. Entrevistava um delegado, um policial e conseguia contar a história. Só que isso se ampliou de uma tal forma, muito facilitado pela tecnologia. Hoje todo mundo tem um telefone que produz uma imagem, potente, boa de uma qualidade razoável, com áudio bom. E isso possibilitou que muitos virassem cinegrafistas amadores, né? Então, a imagem do amador, ela hoje é largamente utilizada principalmente nos telejornais e porque as emissoras, especificamente as menores, não tem condições de fazer um investimento do tamanho que exige a contratação de uma equipe jornalística. Com o repórter cinematográfico, de fato, um auxiliar, um iluminador, um repórter. Então, estar nos locais onde as coisas acontecem numa cidade do tamanho do Rio de Janeiro, a utilização das imagens amadoras virou praticamente uma salvação para as emissoras menores que fazem telejornalismo hoje.

Como é feita a negociação dessas imagens? Há algum incentivo por site: “mande sua imagens, envie seu vídeo”. Como também é o processo dessas escolhas?

Eu acho que há incentivo sim, até por conta da necessidade e pela briga da audiência. As emissoras querem a participação do público por conta da audiência. E aí, por causa disso, se estimula também que as pessoas façam imagens por conta própria e mandem para as emissoras e aí elas acabam utilizando sim. Esse processo de negociação se dá muito principalmente pela qualidade da imagem. Isso ainda é um ponto positivo nas imagens de amador. A imagem quando chega à emissora, primeiro ela passa pela avaliação da chefia de reportagem e de um editor para saber se são boas, se é possível contar uma história, a partir do que o amador foi feito. Só então, é possível contar a história? Só então se chega a uma negociação que não é estrondosa, quer dizer, algumas imagens custam caro. O que é caro? Trezentos reais? Quatrocentos reais? Outras são boas e custam barato. Nós já tivemos caso de pagar cinquenta reais e construir uma matéria inteira de uma imagem que custou cinquenta reais. Se você for parar e calcular isso com o custo que é uma equipe de reportagem, ele é infinitamente menor.

E é dada alguma orientação, no caso agora especificamente da edição, da montagem dessas imagens, ao serem inseridas no produto da narrativa telejornalística? Começa com essas imagens ou essas imagens têm que ter mais destaque que potencialize mais esse tipo de imagem?

Há, há uma orientação sim. Há pouco tempo atrás eu era uma editora resistente a iniciar uma matéria com imagens de amador. Mas eu fui vencida pelo cansaço, digamos assim. Eu concordo que você, principalmente m telejornalismo, você tem que começar a sua matéria com o que prende com o que chama a atenção, com o que é forte. E mais uma vez eu destaco aí a briga pela audiência. Hoje as emissoras dão todas os mesmos assuntos, nos mesmos dias. Então, se você não

trouzer um diferencial, o seu público vai migrar, por uma série de questões. Acho que você tem que começar com algo forte. Muitas vezes o amador, ele traz o momento x do que aconteceu. É o melhor da imagem. Mas por que a resistência de começar com imagens de amador? Porque o amador não assina pela emissora. O amador não faz parte da equipe jornalística que está ali fazendo aquela matéria. Então até bem pouco tempo eu era muito resistente. Mas aí eu fui percebendo que isso virou quase senso comum nas matérias hoje de televisão. Se você tem uma boa imagem de amador, é ela que vai acabar correspondendo 90% do material que vai para o ar.

Isso tem a ver com a próxima pergunta, né? Se você acredita que esse tipo de imagem acaba determinando muitas vezes a pauta? Você tem lá uma imagem, e a partir dessa imagem que a pauta vai ser determinada?

Eu acho que sim, Ana. Eu acho que muitas vezes sim. Eu tenho tido experiências recentes em relação ao isso. Sou editora de texto e por ter sido muitos anos repórter, em geral, quando chega material de amador na casa, ele acaba vindo para mim, com a tarefa de transformar aquilo numa matéria jornalística. Então eu preciso ver essas imagens e a partir daí construir uma notícia. Muitas vezes ela não existe, mas por conta de uma única imagem, a gente vai criar, entre aspas, uma informação pra poder aproveitar aquele material.

Em sua opinião, você que tanto trabalha aí com essas imagens, qual o objetivo desse recurso? Você um pouco já respondeu, e quais as vantagens? E você vê alguma desvantagem nesse uso?

Eu acho que o objetivo desse recurso, principalmente para as televisões menores, é conseguir abarcar uma área geográfica que elas não conseguem pela falta de estrutura mesmo. Depois, acho que são positivas em certo ponto porque elas ajudam na construção de um telejornal. Muitas vezes, uma equipe de reportagem chega e o fato já aconteceu, ele já acabou e telejornal é imagem. TV é imagem. Não se conta uma história de televisão sem a imagem de apoio. Mas eu vejo um ponto extremamente negativo na utilização da imagem do amador. Ele cai com o mercado de trabalho dos repórteres cinematográficos, que são pessoas que tem a técnica, que conhecem de enquadramento, de paisagem, de qualidade de imagem, que a imagem do amador não tem. Acho que isso acaba prejudicando muito, restringindo muito o mercado de trabalho para o repórter cinematográfico, porque é lógico que ele custa muito mais caro do que um cinegrafista amador. E aí veio como uma luva para a TV'S pequenas e para aquelas que não querem investir numa equipe de reportagem, porque isso custa muito mais barato.

E você acha que na medida em que os telejornais exibem essas imagens eles criam uma aproximação com o telespectador? Por que elas parecem mais reais, mais familiares? Na medida em que ele ou qualquer um pode fazer essa imagem?

Eu acho que mais real, não. De qualidade, nem pensar. E acho que a preocupação talvez hoje das emissoras, com exceção de algumas poucas, não é mais a qualidade. Por isso se investe tanto em vídeo amador. Mas eu acho que o vídeo amador desperta nas pessoas uma falsa sensação de qualquer um pode ser um cinegrafista. Qualquer um pode fazer uma captação de imagem. O que não é verdade. Isso é uma mentira. Porque até para se fazer uma imagem é preciso algum conhecimento jornalístico. Porque senão, você faz, faz, faz, faz a imagem, mas ela não diz nada. E a gente cansa de ver isso na ilha de edição. Pessoas que

chegam achando que fizeram uma excelente imagem e quando você vai analisar aquilo, do ponto de vista da informação, o que aquela imagem quer dizer, você consegue aproveitar dez segundos de material. Eu falo especificamente amadora.

Em sua opinião tem uma relação estratégica mercadológica? Considerando que muitas dessas imagens já foram vistas também em redes sociais, você acredita que essas duas mídias se retroalimentam em busca de audiência?

Eu acho que em busca de audiência talvez não. A internet em termos de audiência não compete com a televisão. Mas eu acho que elas se alimentam do ponto de vista de divulgação de material. A TV aproveita o que é divulgado em termos de imagens das mídias sociais, *youtube*, *sites*, que surgiram recentemente de grupos alternativos, de protesto, enfim, coisas dessa natureza e esses *sites*, esses canais virtuais também acabam reproduzindo, em seus canais as matérias televisivas que utilizam as imagens que eles mesmos produziram. Então acaba se tornando um vai e vem, né?

E como é que é feito, Aline, o processo de checagem e apuração dessas imagens?

Eu às vezes me surpreendo quando eu percebo que as perguntas básicas para a construção de uma notícia não são respondidas. Especialmente quando se trata de imagem de amador. O que eu acho é o seguinte: não se pode desprezar a imagem do amador. Não, não se pode. Principalmente hoje, quando ela conta uma história. O que eu acho é que aí dobra a importância do filtro do jornalista, do editor de texto e editor de imagem e, especialmente, do apurador. Dar uma imagem de amador sem informação é um duplo erro. Se você tem uma imagem de amador, eu acho que, principalmente e prioritariamente, é preciso ir à busca de informação com as fontes oficiais para saber qual é a verdadeira história e pelo menos a informação verdadeira que tem fonte. E aí você passar para quem está em casa assistindo ao telejornal.

Qual a sua opinião sobre a qualidade técnica dessas imagens?

Mais perigoso ainda. Quando o jornalista tem a condição de ver a imagem e avaliar, pelo menos ajuda. Melhora a situação. Pior, é quando você, pela falta de um profissional qualificado para fazer a imagem, você manda para um fato jornalístico o câmara amador. Isso é que é de doer dentro do processo de construção da notícia. Porque aí você está dando nas mãos de quem não tem nenhuma qualidade técnica, de quem não tem nenhum estudo a respeito de informação. Estudo que eu digo, não é nem ter passado por faculdade, é experiência de rua, experiência jornalística, que a gente sabe que a rua dá. Quando você manda essa pessoa que acha que sabe fazer imagem e acha que se tornou cinegrafista porque tem um equipamento que lhe concede uma qualidade razoável para um fato jornalístico, para te trazer uma matéria. Aí é um risco absoluto. Porque você inclusive coloca nas mãos dessa pessoa, parte da sua apuração. Porque é ele que vai ao local, que vai conversar com quem está no local, que vai tentar entender o que está acontecendo e chegar numa redação e passar para os jornalistas aquilo que ele viu.

As imagens de circuito interno quase sempre estão ligadas a algo trágico, né? A questão da vigilância, do querer se proteger. Você concorda que isso é o que o povo quer ver? Portanto, existe essa demanda do telespectador?

É também o papel da imprensa, o papel do jornalista prestar serviço à comunidade. E quando, por exemplo, as imagens de circuito ajudam a polícia a encontrar um criminoso, a polícia a encontrar um estelionatário. Quando a gente tem esse artifício na mão e a gente pode jornalisticamente contribuir, é excelente. Eu acho excelente. O problema é quando a gente acostuma o telespectador a achar que isso é bom. Que qualquer tipo de imagem de crime é bom. Não muito tempo atrás, eu lembro que quando chegava uma imagem de circuito que era alguém atirando no outro, ou a gente parava a imagem antes do tiro; ou a gente botava *blur*, para quem estava em casa não ver a outra pessoa sendo baleada, praticamente ao vivo, ali na sua televisão da sala. Hoje em dia não. Se tiver um crime a sangue frio ali, podendo ser visto, é isso que abre o jornal. Então eu acho que a gente acabou se perdendo um pouco no papel daquilo que a gente pode oferecer como notícia para quem está em casa. A morte pela morte, não é notícia. O assassinato pelo assassinato, não é notícia. Por que é feito assim hoje? Por conta da briga pela audiência. Ela está em primeiro lugar. Os monitores das emissoras vão contabilizando minuto a minuto a imagem quanto deu, a imagem quanto deu no ibope. E é isso que determina. A gente acabou perdendo um pouco da avaliação daquilo que é jornalístico, daquilo que é importante colocar no ar e do que se pode mostrar. A qualquer momento do dia, na sala de telespectador, a gente acabou perdendo isso. Por conta dessa utilização corriqueira dessas imagens que foram aparecendo.

Aline, você já foi muito tempo repórter e hoje você escreve ainda na redação. É difícil escrever um texto *off* para essas imagens? Considerando que acaba mais ou menos tendo uma narração do óbvio? As imagens e o texto nesse momento eles não se rivalizam? Existe um empobrecimento textual? Qual a saída?

Existe a ausência do repórter, né? Porque se você está no local, você consegue buscar o novo. Você olha aquilo que não é o óbvio. E quando você falou em óbvio na sua pergunta foi exatamente o que eu pensei. É um exercício quase que mediano, porque você vai escrever aquilo que a imagem está mostrando. É quase que um emburrecimento, digamos assim do texto. É um empobrecimento do escrever jornalismo. Então eu acho que acaba interferindo muito sim na qualidade daquilo que você põe no ar, na formação que você está dando para o seu telespectador. Mas eu concordo que se houver uma apuração, se houver uma busca pela informação, é possível, a partir dessas imagens, você construir uma matéria boa, informativa, que utilize a imagem como detalhe e não como principal.

Hoje, como você antecipou, qualquer pessoa pode filmar um acontecimento que acaba tendo, no caso, o que a gente chama de valor-notícia, a ponto de se tornar relevante e ser exibido no telejornal, muitas vezes abrindo um jornal. Em sua opinião qual o futuro do telejornalismo e o impacto que isso, essas novas tecnologias, pode causar na profissão, como por exemplo, o enxugamento de equipes?

O enxugamento de equipes já acontece. Tenho me perguntado muito ultimamente a respeito exatamente do que a gente faz né? Da profissão jornalista. O que nós somos, para onde que a gente está caminhando. A gente está numa fase péssima em relação aos profissionais. Quer dizer, já não precisa ser um repórter cinematográfico para fazer uma imagem, já não precisa mais ter um diploma para

escrever um texto. Então, o que se pretende tolhendo os profissionais dessa área? Porque se você contrata qualquer um pra ser um repórter, para ser um editor, joga na ilha de edição, achando que editar uma matéria é só um corte e cola, é a coisa mais simples que tem... Qual é o fim dessa linha, né? Que tipo de público a gente está construindo? Que tipo de cidadão a gente está fazendo? Será que ele está bem informado? Será que está chegando o melhor para ele, o filé da informação? Não é princípio da televisão, a informação aprofundada, mas é possível fazer. É possível fazer. Eu vou entrar aqui numa Teoria da Conspiração, até brincando, mas não deixa de ser. Será que não tem aí uma coisa de emburrecimento? De tentar fazer com que a qualidade vá ficando tão pequena a ponto de nem o jornalismo verdadeiro conseguir trabalhar e trazer a informação imparcial, do jeito que o bom jornalista sabe levar?

Bom, para finalizar, como é que você classificaria essas imagens que vai para além de um jornalismo colaborativo. É um jornalismo esvaziado, uma tendência ou uma reticência, né? Como você classificaria esse uso, alguma coisa que está em curso, né?

É difícil classificar. Televisão também é um veículo interativo. Então assim, a gente não pode desprezar a participação do público, do telespectador, das pessoas que estão em casa. Eu temo pelo jornalismo água, pelo jornalismo que não faz diferença. E quando o jornalismo não faz diferença, não tem porque ele existir. Um país só é forte, um povo só é forte, quando ele tem sua liberdade para falar, quando a gente tem liberdade de informar, quando a gente tem liberdade de mostrar. Acho que não estamos caminhando para o fim do jornalismo televisivo. Acho que não, mas eu acho que a gente que ir aprendendo a se adaptar a essa nova realidade. Acho que os profissionais vão ter que reaprender a fazer esse telejornalismo, porque aquele telejornalismo com quatro equipes dentro do carro, com iluminação para cada quadro, ele já deixou de existir há muito tempo. E acho que agora a preocupação tem que ser muito nossa. Tem que chamar pra gente o jornalista diplomado essa responsabilidade. Que se a gente não embarrerar certas imagens de amator, se a gente não embarrerar qualquer besteira que possa ir para o ar, a gente vai acabar entrando numa desidratação jornalística tão intensa, tão grande que quando a gente quiser voltar atrás, já não vai poder mais.

Muito obrigada, Aline.

De nada, eu que agradeço.

Priscila Monteiro – TV Globo

Vamos lá então, gravando com Priscila Monteiro, ela é editora do RJTV 1ª edição, Rede Globo. A identificação, Priscila, a emissora e o cargo atual.

Priscila Monteiro, editora de texto do Bom Dia Rio, do RJTV. Eu tenho me formei, na verdade entrei na Record em 2005 como estagiária, mas me formei mesmo em 2008 até agora então são, faz as contas que eu não sou boa nisso [risos]. Cinco anos.

Os setores por onde você passou no jornalismo?

Fui estagiária na Record de 2005 a 2009. Depois fui para o SBT como editora de texto do SBT Rio, fui repórter depois de ser editora de texto do SBT Rio e do Jornal do SBT editora-chefe do SBT Rio. Depois fui para a Globo, ser editora de texto do RJ e do Bom dia Rio onde eu estou até agora.

Você fez algum trabalho paralelo em Telejornalismo ou não?

Fiz, eu fui repórter do Governo do Estado, eu cobria os factuais deles.

A pesquisa é sobre imagens de vídeos amadores e videovigilância. O que você acha desse recurso na narrativa telejornalística?

Eu acho muito válido. Acho que isso veio para acrescentar. As provas da matéria, assim, mais informação. Quanto mais informação que o público tiver, melhor. Mas acho que há uma... Tem uma, é tênue assim essa linha, que eu vejo. Mas eu acho que a gente tem que ter muito cuidado e muito respeito do que vai ser usado. Não é toda a imagem que tem que ser usada e não é não é em qualquer matéria que tem que ser usada. Tem que meio que tem o porquê, um motivo para se usar esse tipo de imagem.

É feita alguma negociação dessas imagens? Por exemplo, existe algum incentivo de site, de filtragem. Como é feito o processo de escolha dessas imagens e se também há uma negociação financeira dessas imagens?

Tem várias formas, né? Essas imagens podem chegar para a gente pelo site interativo da TV Globo, em que as pessoas mandam foto e vídeo. Denunciando alguma coisa, ou mostrando alguma coisa. Quando a gente pensa em imagens de circuito interno, a gente pensa logo num crime, num factual, num acidente. Mas, às vezes, não. Às vezes chegam coisas muito legais. Chegam situações engraçadas, chegam imagens bonitas da cidade e tudo isso. Chega qualquer coisa. Então, chega pelo site colaborativo, chega por denúncias de pessoas que vem até a emissora para vender essas imagens, e aí sim há uma negociação. Mas só quando a imagem tiver alguma coisa muito grave ou for uma coisa exclusiva. Chega de pessoas que querem dar essas imagens pela TV, chegam aqui na portaria. Chega também da procura dos nossos produtores e de pesquisar e achar imagens, né? É isso, são esses três canais.

Tendo essas imagens em mãos, existe alguma orientação na hora de editar, de montar a narrativa telejornalística, De começar o VT com essa imagem ou de destacar, de voltar? Como é feita essa inserção dentro do conteúdo do produto jornalístico?

Também depende. Se a imagem for muito forte é óbvio que você pode começar o VT com essa imagem. Mas se a imagem não justificar a matéria, se tiver outra coisa, a gente começa o VT com a coisa mais importante que tem. Se a imagem for a coisa mais importante, ok, a gente vai começar com ela. Mas a orientação nunca é que a gente sirva à imagem. A imagem tem que nos servir.

Você acredita que esse tipo de imagem atualmente determina a pauta?

Com certeza. As vezes a gente faz sim. A explosão de um bueiro. Quando a gente tem imagem de vídeo amador que o bueiro explode. Dessa pauta, desse factual, se faz uma produzida sobre como estão as condições dos bueiros da cidade. Elas acabam ajudando a pautar sim.

E qual o objetivo do uso desse recurso em demasia no telejornalismo? Quais ao as vantagens e desvantagens?

Eu vou começar pelas desvantagens que eu não acho que são muitas, assim. A qualidade é uma desvantagem. Tanto que aqui na TV Globo, tudo que vai ao ar, se for condenado, independentemente do que tiver de imagem, essa imagem não vai ao ar. Se estiver muito granulada, se estiver batendo, não vai ao ar. Então, essa é a desvantagem. A outra desvantagem é meio que você entrar na rua, em um prédio, invadir a vida de uma pessoa. Acho que isso é uma desvantagem, acho que isso também pode ser um pouco avaliado. E a vantagem é de cada um ter... A imprensa é uma arma, né? É uma arma do cidadão e agora eu acho que com os vídeos que as pessoas fazem, elas também têm uma arma, né? Você vê às vezes a gente recebe denuncia de gente que foi ao restaurante, foi mal atendido. Isso não é uma pauta de um jornal. Mas foi a arma que o cidadão achou para poder fazer o seu direito valer, infelizmente. Não deveria ser assim. Mas eu acho que essa é a maior vantagem: quando um telespectador olha uma imagem feita por outra pessoa, que não é jornalista, ele se vê um pouquinho naquilo. Ele acha que ele também pode ser capaz. Isso que instiga a pessoa a fazer procurar mais coisa, a denunciarem mais, a fazerem fazer o direito delas.

Você acha que existe alguma aproximação com o telespectador, na medida em que essas imagens parecem mais reais, mais familiares. Se eu faço, eu posso a TV Globo vai exibir as imagens que eu fiz. E vocês citam o nome do telespectador que deu, ou que cedeu, enfim...

Sim, essa coisa de citar o nome o próprio telespectador pede para a gente citar. E às vezes, quando a gente acha que aquela imagem vai comprometer a segurança, vai comprometer qualquer coisa, vai comprometer o cidadão, a gente não credita a pessoa. Se não, não há nenhum problema porque estimula mesmo. A interatividade é o futuro da televisão. Então, o tempo todo a gente quer mais participação, porque é ele que nos assiste, né? E é impressionante e claro no Ibope, quando a gente vê uma imagem de circuito interno, que o Ibope cresce. Porque é curioso, todo mundo é curioso então, todo mundo quer ver o que o outro... Porque sempre é flagrante, na maioria das vezes, é sempre uma coisa além do que a gente faz de normal. Então, a pessoa quer ver. A pessoa fica curiosa, fica vidrada, fica atenta no que pode acontecer com aquela imagem.

Em sua opinião isso tem a ver com uma estratégia mercadológica para manter a audiência?

Sim a TV Globo tem sempre em tudo que a gente faz assim, todas as palestras que a gente assiste aqui dentro, o ator principal é a informação. Outras coisas são coadjuvantes da informação. E aí você tem toda a estrutura, os repórteres, então. As imagens de circuito interno também fazem parte desse personagem principal, elas também são importantes. E aí a audiência também fica um fator coadjuvante. Ela não é um fator principal, é a informação. Quando se vê que aquilo junto à informação com a câmera de circuito interno com a audiência, é perfeito. É isso que a gente quer alcançar.

Agora falando em internet e televisão. Muitas dessas imagens que são exibidas nos telejornais locais e nacionais também, elas já forma vistas na internet. Você acha que existe hoje, pela internet ser um território sem lei, uma retroalimentação dessas duas mídias?

Eu acho que é uma via de mão dupla. Porque a TV também usa os vídeos da internet para se alimentar. Aqui, eu não via isso muito na Record e nem no SBT, mas aqui existe uma autorização para se usar vídeos da internet. Todos os vídeos gravados pelo *youtube*, a gente pedia autorização para a pessoa. Porque o nosso pensamento era: se essa pessoa fez, o vídeo é dela e ela tem que autorizar. Depois dos protestos a gente teve uma outra visão em relação aos vídeos. O vídeo que a pessoa faz é uma ferramenta de proteção ou de acusação a alguém ou de afirmação de que aquela pessoa está ali. Se ela coloca na internet, vira uma coisa pública e uma coisa democrática. Então a gente pode usar isso para divulgar o que aconteceu naquele momento. Mas tudo com muita atenção, com muito cuidado e muito respeito. Se tiver uma denúncia contra maus tratos ou contra ou com o policial que estiver, enfim, tendo uma linha mais dura, a gente vai usar como denúncia. Mas se alguém tiver sendo exposto ou machucado ou receber algum tipo de ameaça e tal, não. A gente não vai colocar isso sem antes apurar, em todos os conceitos legais do jornalismo, né? De apuração.

A gente cai na próxima pergunta, então falando do processo de checagem e apuração dessas imagens, que muitas vezes são imagens anacrônicas e mexe um pouco como famoso lide: o quê, quem, quando, onde, como e por que. O que é privilegiado? Como é feito esse processo?

Eu acho que é um pouco de propósito isso, né? Porque essas imagens não são feitas por jornalistas. Elas não são jornalismo. Elas são uma consequência do que o jornalismo trouxe para a gente. Que a difusão de: você tem o poder de denunciar, você tem o poder de participar disso. Então a imagens, muitas vezes, ela fala por si. É óbvio que como jornalista a gente sempre vai procurar saber todo o *lead*, quem, quando etc. Mas a gente tem esse precedente de chegar e falar assim: essas imagens feitas pelo fulano de tal, ou seja, nós não fizemos isso. Quem fez foi ele, a gente só está divulgando. A responsabilidade é da pessoa, não é nossa. A gente só está aqui para divulgar, porque a gente também quer que isso se resolva, sabe? Então, não é... Eu acho que já tem essa diferença mesmo de dividir mesmo. Eu acho assim: nós não fizemos isso, a gente vai falar o que a gente sabe disso. Então a ideia é essa. Colocamos lá e colocamos o que a gente sabe daquilo. A gente apura com quem fez, a gente pergunta, a gente vai atrás, a gente fala com a polícia quando é um vídeo de denúncia, a gente pega nota-pé, quando é coma Polícia Militar, quando é o vídeo de um policial maltratando uma pessoa ou pegando mais pesado. A gente faz tudo, mas ainda assim é um vídeo não feito por jornalistas que pode ter erros.

Quanto à qualidade técnica dessas imagens, você já falou um pouquinho antes, queria só que você falasse sobre enquadramento. Qual a sua opinião sobre essa qualidade técnica mesmo?

Câmera de circuito interno, Ana, não tem muita qualidade técnica. Mas hoje em dia, câmera de celular e *iphone*, *ipad*, tem um qualidade muito boa. Então, assim, em relação à qualidade, essas câmeras de celulares são boas. Só que as pessoas não sabem filmar. Não é a profissão delas. É muito ruim, às vezes você tem vontade de vomitar de tanto que treme a imagem. E aí entra a edição. A edição de botar um *slow*, a edição de botar um *fastzinho* ou uma *fusão*. Existe uma edição nessas imagens quando pode existir, para não ser parcial. Se a gente quer mostrar uma ação contínua, a gente vai o máximo possível tentar que aquela ação aconteça para as pessoas verem que não teve corte nenhum. Quando não, a gente pode dar

uma editada, sempre preservando o *lead* daquela imagem. A imagem, quando é uma imagem de circuito interno que vai ao ar e que vale por si própria, ela passa pela técnica. Se a técnica falar que está muito ruim, por exemplo, uma imagem de ônibus, que está tremendo, que aparece o cara lá mexendo e tal. Se essa imagem tiver muito frisada ou tiver batida, ou tiver lavada, aí ela não vai ao ar a pauta cai. Se não a gente vai usar todas as ferramentas técnicas para essa imagem ir ao ar.

As imagens de circuito interno quase sempre estão ligadas a algo trágico, né? Até porque tem a ver com prevenção. Você coloca as imagens de circuito interno para se prevenir, para vigiar, para vigilância. Você concorda que isso é o que o povo quer ver? Essa tragicidade?

A maioria das vezes as imagens são de coisas trágicas, né? Acidente e etc. Eu acho que o que o telespectador que ver é o flagrante. Não adianta você falar que o restaurante foi assaltado. Se você mostrar o restaurante sendo assaltado é bem mais valioso vê a movimentação dos bandidos, o que foi feito, como aconteceu, quem reagiu quem não reagiu, quem apontou a arma. O telespectador, ele não está muito aí, mas quando ele vê a tragédia, chama a atenção. Até pelo alertam até para ele ver que ele também pode fazer aquele tipo de coisa, para ele ver quantas pessoas estão participando.

É difícil escrever um *off* para essas imagens? Você acha que nesse momento imagens e texto não se rivalizam e aí acaba tendo um empobrecimento textual?

Com certeza. Você narra o que você está vendo. Tem VT que você fala: o ladrão abre a porta. Eu não sou uma idiota, é claro que eu estou vendo que o ladrão abriu a porta! Aqui eu aprendi uma coisa bem bacana assim, que é não usar isso. Tipo, ir na principal imagem. Porque assim, não falando mal das duas emissoras que eu passei que foi a Record e o SBT. Mas existe uma teatralização em cima da imagem. Você faz um teatro, você fala: agora veja, ele chuta a porta. E aí o cara chuta a porta. E depois ele chuta mais outra porta. Ele já chutou umas vinte portas e você está narrando. E isso você não vê muito aqui. Você até vê uma teatralização sim, você vai ver uma vez. Ou você vai ver no início da imagem. Aí você vai para a parte mais importante, você vai para a parte que o bandido deu uma coronhada na cabeça do dono do restaurante. Existe uma fórmula, eu gosto muito de usar o *sobe som*. E uso um *sobe som* dele falando.

Mas câmeras de vigilância não há como ter esse *sobe som*. Normalmente não tem *sobe som*.

É. Eu acho que há sim um empobrecimento. Mas você geralmente já escreve um texto com as câmeras normais dessa maneira, né? Se você parar para perceber, a maneira é essa. A gente editou um cara que assaltava prédios. Aí ele entrava e tal, assaltava prédios. E aí era sempre a mesma coisa: ele entrava na casa das pessoas, já não tinha mais o que falar. Eu percebi em uma das cenas que ele ajeitava o cabelo, ficava se olhando no espelho, sorria e eu achei aquilo muito engraçado. O cara está assaltando um prédio e ainda tem tempo para se olha no espelho. E aí no texto eu não coloquei: ele se olha no espelho, mexe no cabelo, não. Eu tentei mudar um pouco falando que durante o assalto ele parecia não estar nervoso. E aí ele mexia no cabelo, dava um sorriso etc. A gente sempre tenta, né? Mas é difícil, há um empobrecimento sim, com certeza.

Hoje qualquer pessoa, como a gente já constatou aqui na conversa, pode filmar um acontecimento que acaba tendo esse valor-notícia, a ponto de se tornar relevante e entrar no telejornal. Em sua opinião qual o futuro do telejornalismo e o impacto que isso pode causar na profissão, como por exemplo, o enxugamento de equipes?

Sempre tem um talvez, né Ana? Sempre tem um talvez. Mas eu acho muito difícil porque isso vem para acrescentar ao telejornalismo. Alguém vai fazer imagem, mas quem fez imagem não vai estar aqui para escrever. Ou não vai estar aqui para apurar. Ou não vai estar aqui para produzir. Eu acho válido demais, eu super apoio. Não só imagem em televisão, não. Eu apoio foto, eu apoio você estar em trânsito na Avenida Brasil, tem um acidente, você tirar uma foto e mandar para ajudar outras pessoas que estão atrás de você, que vão pegar aquele trânsito e vão conseguir desviar. Eu acho essa interatividade ótima. Acho que ajuda muita gente. Mas eu não acho que ela perturba o jornalismo em si. Porque é necessário ter profissionais para fazer essas imagens valerem, porque senão, não tem como justificá-las.

Para além de um jornalismo colaborativo, como você classificaria essas imagens. Um Jornalismo esvaziado, uma tendência? Algo que a gente ainda está em curso, a gente não sabe como nomear?

Eu acho que a gente não sabe nomear. Isso já tem um tempo. De uns oito anos pra cá você vê bastante, Agora com bem mais frequência porque se tornou a arma entre aspas como eu te falei. Mas eu acho que a gente ainda não sabe lidar com esse tipo de câmera totalmente. Não. Por isso veio aí os protestos para mostrar pra gente que a gente realmente não sabe lidar com isso. Porque é muito volume de imagens feitas de câmeras, de vídeos feitos. Todo prédio. Todo estabelecimento comercial tem câmeras de segurança. Qualquer comérciuzinho pequeno você vê que está colocando câmeras de segurança. Então eu acho que isso pode crescer mais, muito. Não sei como classificar isso, porque são várias vertentes né: Não é só colaborativo. A gente vai atrás também desses vídeos. A gente busca então, ninguém está colaborando com a gente. A gente está indo atrás disso. Só que eu acho que isso é super válido. Super válido para a informação. É mais um recheio no bolo, sabe? Não a cereja, porque a cereja sempre é a notícia. Mas eu acho que é um recheio do bolo sim, que deixa ele bem gostoso.

Obrigada, Priscila.

Risos

Raian Cardoso – TV Record

Vamos lá então. A gente está aqui com Raian Cardoso. Identificação, emissora e cargo atual, Raian?

Bom, eu sou Raian Cardoso da Silva, é meu nome todo. Minha emissora é a TV Record e atualmente sou produtor de pauta aqui da emissora.

Quanto tempo você tem de profissão como jornalista?

Aqui na TV Record, de jornalista mesmo contratado eu tenho sete meses.

E como foi a sua vida antes da Record?

Eu comecei, primeiramente, no site faveladarocinha.com. Foi um grupo de amigos, a gente se reuniu e ficou noticiando tudo o que acontecia dentro da comunidade. A gente criou um site e ficou noticiando tudo o que acontecia dentro da comunidade. Aí esse trabalho foi se expandindo até que os, digamos donos da Rádio Roquete Pinto ‘chamou’ o Grupo da gente. A gente ficou trabalhando lá no site da Roquete Pinto, na Rádio Roquete Pinto. Fiquei trabalhando lá na Rádio por quatro meses, depois fui para a Manchete, para a Rádio Manchete. Na Rádio Manchete fiquei mais quatro meses, estagiando também, até que eu consegui uma chance na TV Bandeirantes. Entrei na TV Bandeirantes e fiquei na TV Bandeirantes um ano. Depois da TV Bandeirantes, o diretor de jornalismo de lá gostava de mim, da forma que eu dava as notícias policiais e ele me colocou na Rádio. Aí eu fiquei na Rádio BandNews por seis meses, trabalhava para o BandNews primeira edição com o Boechat e o Rodolpho eu entrava dando as notícias policiais. E aí da TV Bandeirantes eu tive a oportunidade de vir para cá para a TV Record. Vim como estagiário de jornalismo, trabalhei como estagiário aqui durante um ano e três meses. Me formei, aí assim que eu me formei, não tinha vaga aqui na TV Record. E aí eu fui para o SBT. Fiquei trabalhando um mês lá no SBT até que a TV Record me chamou novamente e eu estou até hoje.

Quais os setores que você já passou dentro do jornalismo?

Dentro do jornalismo eu já passei pelo setor de apuração de notícias, já passei pela edição também. Dentro da rádio, trabalhava na edição. Já passei pela produção também e agora eu estou fazendo essa produção externa. São esses setores que eu passei. A produção externa geralmente eu trabalho com uma câmera escondida, entendeu? A gente recebe as denúncias aqui na emissora e vai apurar na rua. Muitas das vezes a gente vai caracterizado, por exemplo, já entrei em hospitais onde eu coloquei uma blusa social branca, entendeu? Uma calça branca também e com uma câmera, acoplada ao meu corpo, filmando tudo, entendeu? Geralmente é esse tipo de trabalho que a gente faz meio que de investigação.

Bem próximas das câmeras escondidas estão as câmeras amadoras e as câmeras de videovigilância, que hoje compõem boa parte do noticiário. O que você acha desse tipo de material usado, sendo exibidos dentro do produto jornalístico?

Acho que traz muita veracidade. Porque o povo sabe que aconteceu. Por exemplo: as câmeras de segurança flagraram um assalto. Se você chegar e contar a notícia de que houve o assalto, vai ficar aquela coisa fria, entendeu? O povo vai saber que teve um assalto naquele posto de gasolina, mas não vai ter a noção de como foi. Agora, quando a gente mostra aquele circuito interno, de como correu o assalto, quantos bandidos, quantos assaltantes tinham naquele local, entendeu? Que os caras em punho de arma de fogo, com a arma na cabeça do balconista, do atendente, traz aquela veracidade, entendeu? Aí o povo fica alarmado com aquilo, fica assustado, fica impactado, entendeu? Então, traz aquele momento, compartilha um pouquinho daquela situação, daquele momento que a pessoa ali passou. A pessoa que está vendo aquela imagem pensa: ‘poxa, podia ser comigo’. Compartilha a sensação, traz muito isso para o telespectador.

E como é feita essa negociação de imagens? Há algum incentivo, como é feito o processo de escolha dessas imagens?

Como assim?

Como é feita a negociação?

Dentro da emissora?

Isso, na emissora ou tem algum setor que busca essa imagem? Vem trazer essas imagens, como é?

Isso, então. Geralmente essas imagens são conseguidas sempre pela produção do telejornal, e na maioria das vezes a gente negocia com a polícia. A gente está sabendo de um assalto, está sabendo de algum homicídio e aí a gente busca nos setores da polícia que estão investigando aquele determinado crime. A gente vai atrás, liga para o delegado, fala com ele que a gente gostaria de divulgar a imagem. Até mesmo para tentar identificar aqueles criminosos. Geralmente é com a polícia, mas quando a gente não consegue com a polícia, a gente vai atrás da empresa. Ou da empresa, ou do prédio comercial ou da casa, entendeu? Então a gente vai tentando negociar, até mesmo a gente vai atrás disso, porque isso, de certa forma, traz um resultado para a emissora. Essa veracidade, essa notícia na hora ali do que aconteceu, aquele fato, aquele crime ali que impressiona bastante, isso traz um retorno para a emissora e cresce bastante a audiência. Isso foi comprovado dentro da emissora. Então, a gente vai muito atrás por causa disso.

E existe algum incentivo para os telespectadores postarem esse tipo de imagens em algum filtro, em alguma rede social ou não? Vocês fazem essa negociação via telefone?

Geralmente a gente sempre faz via telefone entendeu? Sempre faz via telefone. A não ser que esses lances de crime, a gente sempre faz ou por telefone, ou pessoalmente. Ou indo até à delegacia. A gente pega o *pendrive* e tenta pegar. Mas assim, quando é fato, por exemplo, uma manifestação, entendeu? Um problema, um protesto, geralmente a gente sempre vai através das redes sociais. Porque hoje em dia com o avanço da tecnologia todo mundo tem um *iphone*, um *tablet* está filmando ali e posta no seu *facebook* de forma amadora. Mas isso também contribui muito para a gente no jornalismo.

E como é que dada a orientação para a montagem dessas imagens, aí eu me refiro mais a edição? Ao serem inseridas na matéria telejornalística, ela tem uma importância maior? Você falou que ela tem um grau de veracidade maior, portanto, ela abriria o VT? Como é essa negociação, vamos abrir o VT com essa imagem? Essas imagens acabam tendo um peso maior, muitas vezes, do que aquela que a emissora conseguiu?

Com certeza, porque assim: geralmente quando a agente consegue essas imagens, na maioria das vezes, não todas, essas imagens são exclusivas. E todas as emissoras estão atrás do furo. E todos gostam de abrir o seu jornal com o furo. Então, sempre que a gente consegue umas imagens de crime, de um homicídio, de um assalto, entendeu? Ou até mesmo de um suborno policial, o incentivo é geralmente para abrir mesmo. Geralmente não, quase sempre. Sempre aqui é para abrir o jornal com essas imagens que são fortes e vão prender, vão chamar a atenção do telespectador. Principalmente aqui na TV Record, que a gente tem o que a gente chama de “já, já”. A gente coloca apenas algum trecho das imagens

para aguçar a curiosidade do telespectador e o telespectador ficar preso ali para saber o desenrolar daquela história.

E você acredita que essas imagens acabam determinando a pauta?

Com certeza. Essas imagens ‘vai’ pautar completamente a produção. A gente vai atrás das vítimas. A gente vai atrás da polícia, a gente vai atrás dos órgãos competentes que podem resolver aquilo, ou seja, a partir daquela imagem a gente vai produzir a matéria daquele factual, daquele ocorrido. Vai suitar, vai dar continuidade àquela matéria, buscando desenrolar, se houve prisão daquele criminoso, se houve a exoneração daquele policial que estava recebendo suborno. E a produção é pautada mesmo por essas imagens chegam à emissora.

E qual o objetivo desse recurso? Quais as vantagens e desvantagens dessa prática para o telejornalismo?

O objetivo, como eu te falei, é a audiência. Aqui, está voltado para a audiência, porque gera audiência dentro da emissora. E também acho que uma vantagem é prestar um serviço para à população. Presta realmente um serviço, por quê? Quando a gente recebe esse tipo de imagem a gente, a gente está alertando o pessoal para não bobear, entendeu? A gente tem um comentarista de segurança que ‘explicam’ como se proceder durante um assalto. Não reagir. E até mesmo prestando serviço porque a gente divulga a imagem do crime. E isso fica mais fácil da polícia identificar. Porque quando a gente exhibe a imagem. Hoje o Balanço Geral tem um público de mais de quinhentas mil pessoas, não sei, um milhão. E aí, atinge nesse público todo e sempre tem um que conhece a imagem daquele cidadão que está exposto ali na TV. E aí a população chega e liga para a polícia e fala: ‘olha, eu conheço fulano, ele mora em tal lugar’. Isso ajuda à polícia a ajudar atirar um criminoso do meio da rua. Agora, uma das desvantagens, é a exposição daquelas pessoas que estão ali também, entendeu? Talvez a dona que estava ali sendo assaltada, muitas das vezes, já acontece casos, da gente identificar a pessoa. E a pessoa não queria estar sendo identificada. Isso também pode ser uma desvantagem pra gente. A emissora também pode até tomar processo, como já tomou.

Você acha que existe então, uma aproximação com o telespectador, na medida em que essas imagens parecem mais reais, mais familiares? Os telespectadores se sentem mais à vontade, não só de consumir essa informação, mas também de ceder essas imagens?

Com certeza. Há uma aproximação grande com o telespectador porque é a realidade sendo mostrada ali naquela hora, entendeu? E quanto mais real, mais próximo o telespectador se acha daquele veículo. Isso, com certeza, aproxima bastante.

Em sua opinião isso tem a ver com uma estratégia mercadológica para manter a audiência, como você já falou. Considerando que muitas vezes essas imagens já forma vistas em redes sociais, você acredita que existe uma retroalimentação desses dois veículos?

Com certeza. Principalmente hoje dentro da emissora que eu estou trabalhando, isso acontece muito. Na TV Record, a gente vê uma imagem que está repercutindo na internet, onde muita gente está comentando e o nível de visualização é muito grande, a gente pega aquela imagem traz para TV, divulga na TV e muita das vezes a gente dá um desenrolar para aquela história. Ou quando

não tem desenrolar, é uma imagem que está circulando na internet, mas a imagem é forte e aconteceu em outro país, outro estado, a gente aqui no Rio de Janeiro divulga aquela imagem, só porque está repercutindo naquela rede social, todo mundo está vendo e vai querer ver de novo na televisão. Por mais que a pessoa tenha visto na rede social, na internet, ela vendo na televisão e meio que diferente para ela. Fica mais democrático, aí ela fica observando aquilo, entendeu? E também nas redes sociais eu acho que tem uma mistura aí, um mix. Porque tanto a TV é alimentada pela internet e a internet também está sendo muito alimentada pela TV. Muita gente nas redes sociais posta matérias que apareceram na TV, até mesmo para debater sobre, entendeu? Pra repercutir... Com certeza. Mas o abastecimento hoje em dia está sendo maior da internet. A internet está pautando a TV. Está pautando bastante.

Como é feito, Raíam, esse processo de checagem e apuração, já que muitas vezes são imagens anacrônicas, que já passaram e os elementos de *lead* são excluídos. Você acabou de falar. O quando, às vezes, não interessa muito. O onde, às vezes, não interessa muito. Mas o quê interessa, o quem interessa, porque isso vai prender a atenção do telespectador. Como é isso, como é a checagem, dessa informação?

Então, geralmente, quando a gente vê uma imagem na internet, por exemplo, a produção do programa principal aqui da TV Record, que é o Balanço Geral, quando a gente pega uma imagem da internet a gente primeiro tenta checar o quê é aquilo, a gente vê: foi postado por quem? Teve alguma história? A pessoa que postou, colocou alguma informação? A gente vai atrás da pessoa que postou aquela imagem, entendeu? E quando a pessoa não oferece, não fornece informação nenhuma, mas a imagem é muito boa, pode trazer a audiência para a televisão, pode chamar e aguçar a curiosidade do telespectador, a gente divulga mesmo assim e geralmente o apresentador narra aquilo, quando a gente não tem informação nenhuma, entendeu? Então, geralmente é basicamente isso que acontece.

Quanto à qualidade técnica dessas imagens, qual a sua opinião? Às vezes é uma imagem que está no escuro, não dá para ver muito bem, o enquadramento que não está tão bom, mas é uma imagem que, às vezes, acaba sendo tão bem avaliada, do que uma imagem técnica profissional. Qual a sua avaliação técnica?

Tecnicamente não tem nem comparação, as imagens de internet são bem piores. São ruins, a qualidade é ruim, não tem a mesma qualidade de uma imagem do que a de um profissional aqui da emissora. Porém...

[só um minutinho. Ah, você está fazendo trabalho?]

Vamos lá continuando...

Ela acaba tendo um valor por conta da realidade da veracidade que aquilo ali está passando.

E as imagens de circuito interno sempre estão ligadas á tragicidade, na maioria das vezes, já que são imagens próprias para vigilância. Você acha que isso é o que o povo quer ver?

Sim, sim, eu acho que é o que o povo quer ver. Porque o povo sai um pouquinho daquela fantasia que muita das vezes ele está acostumado, através de novelas,

entendeu? Através do entretenimento. E quando o povo vê aquela realidade nua e crua, entendeu? Ele houve falar que acontece assalto no Rio de Janeiro. Ele houve falar que existem mortes no Rio de Janeiro, mas quando ele vê aquilo acontecendo de fato, ele fica bastante impactado e realmente é o que ele quer ver. Quer ver a realidade e quando essa realidade é exposta ele para e fica assistindo.

E é difícil escrever um *off* para essas imagens, considerando que acaba tendo que se narrar o óbvio? Nesse momento, texto e imagem não se rivalizam?

É muito difícil, como você falou é narrar o óbvio. Tem um empobrecimento bastante. É muito grande porque o povo está vendo aquela imagem. Então você narra o que o povo está vendo. É meio que chamar o povo de idiota, dele não estar entendendo o que ele está vendo. Então isso empobrece bastante o texto jornalístico.

Hoje qualquer pessoa pode filmar um acontecimento, que tem valor-notícia, você mesmo já falou, ao se tornar relevante a ponto de ser exibido em um telejornal. Em sua opinião, qual o futuro do telejornalismo, com o impacto disso. Existe um enxugamento nas equipes? Você acha que pode existir para frente?

Acho que o jornalista vai perder muito, vai perder muito espaço, entendeu? Com o avanço da tecnologia hoje em dia qualquer um pode fazer um vídeo, postá-lo. Então eu acho que com certeza vai haver um enxugamento aí nas redações tanto de TV quanto de rádios. Eu acho que vai perder muito para os veículos de internet.

Como você classifica essas imagens? Um jornalismo colaborativo, uma tendência, um esvaziamento?

Eu acho que é um jornalismo colaborativo porque veio para somar. Mesmo que distanciado da qualidade de um profissional da comunicação, colabora muito, porque sai daquele monopólio das grandes emissoras, das grandes rádios, que muitas vezes mascaram a notícia, entendeu e colocam ali o que de fato está acontecendo.

Perfeito, Raian. Obrigada pela sua colaboração e é isso.

Rodrigo Rocha – TV Record

Três, dois, um, gravando com Rodrigo Rocha. Rodrigo, fala para mim a sua identificação, emissora e o cargo atual.

Meu nome é Rodrigo Rocha. Eu sou estagiário da TV Record Rio.

E quanto tempo você já está na área do jornalismo?

Eu comecei na faculdade do final de 2009 e estou completando no final de 2013, agora, o meu quinto ano. Eu comecei a estagiar em 2010 não especificamente em jornalismo, foi na verdade em comunicação interna numa empresa. Fiquei um ano e um mês, depois nove meses numa agência de notícias onde eu fazia matérias

para revistas, portais e jornais e agora já estou há um ano e dez meses na TV Record.

E você já passou por quais setores?

Eu comecei em janeiro de 2012 na produção. Não passei pela apuração, que é normalmente os setores por onde as pessoas começam. Especificamente a TV Record Rio temo hábito de começar com as pessoas também na produção. Fiquei um ano na produção do Balanço Geral à tarde. Depois eu fiquei mais seis meses, aí já fui para a edição do Cidade Alerta. Calma aí, deixa eu fazer a conta correta... Na verdade eu fiquei seis meses na edição do Cidade Alerta. O Cidade Alerta voltou ao ar, aqui, pela Record. Aí depois mais uns sete meses, mais ou menos, seis, sete meses, no Balanço Geral manhã e no RJ no AR. Aí eu já fazia a função de apoio à coordenação de link. E, nesse mesmo período, auxiliando também na edição do BG. Já estão fazendo nove meses na edição do Balanço Geral.

E o que você acha do uso de imagens amadoras e de videovigilância nos produtos jornalísticos exibidos em TV?

Eu acho que essas imagens, ela tem o... A televisão ela trabalha obviamente com imagens e desperta muito a curiosidade se você conseguir trabalhar com uma imagem onde o espectador não estava uma imagem onde a equipe de televisão não estava. Aquela imagem que está sendo gravada, que até aumenta esse sentimento, essa sensação de sociedade vigiada o tempo todo, sempre tem uma câmera em algum lugar gravando alguma coisa. Então eu acho que é um recurso que a TV se apropriou, se apropriou bem. Assim, a meu ver, pelo menos inicialmente apropriou bem, porque você consegue talvez registros importantes em catástrofes ou até em crimes, enfim situações interessantes, mas que se tornou um recurso auxiliar para as televisões, os canais de televisão. E em alguns canais específicos passa a ser até um grande apoio e uma exploração muito forte dessas imagens como parte de ocupar o tempo de exibição do VT. Até porque são imagens fantásticas, são imagens diferentes. São imagens que chamam a atenção do telespectador.

Como é feita essa negociação de imagens? Há algum incentivo para que o telespectador mande? E qual o processo de escolha dessas imagens?

Eu não posso falar por outras emissoras, se não da emissora em que eu trabalho. Em que eu estou cursando o meu estágio. Há um incentivo por parte dos produtores em tentar obter essas imagens a pedido da pauta. Então tem que pensar a pauta de um programa telejornalístico da TV Record, que basicamente é a pauta policial, na maioria de seus casos. Então tenta pensar se é um crime, vamos ver se alguém registrou isso ou por uma câmera de segurança, se foi um assalto, um crime numa loja, por exemplo; ou se alguém filmou isso no celular, né? Como recurso primordial para a gente ter aquele diferencial. Não ser apenas o repórter no local contando a historinha na passagem dele, mas você tem que ter uma imagem que relate isso para o telespectador. Então, há sim um incentivo de você ter essas imagens, do produtor obter essas imagens na hora em que está produzindo essa pauta.

E aí existe então uma cessão dessas imagens?

É a maioria das imagens a gente tenta conseguir por meio de cessão, quando não, avalia-se com a chefia a validade de se comprar ou não as imagens quando a pessoa que fez as imagens deseja vendê-las por um determinado preço.

Você acredita que esse tipo de imagem acaba determinando a pauta?

Sim, sim. Você, digamos, numa situação corriqueira da chefia de reportagem que você tem que optar entre duas pautas para uma matéria, se uma matéria tem um vídeo e uma outra não, essa matéria provavelmente vai ser a escolhida para aquele repórter ir fazer porque você tem a imagem daquela ação. Se bem que ultimamente, por conta de vários problemas que a gente já teve ao longo do tempo, a gente só está saindo para fazer esse tipo de pauta, se a imagem já estiver na casa. Porque alguma das vezes saía com a promessa de conseguir e não se conseguia e aí, ao mesmo tempo, a pauta era desmerecida porque você não tinha aquelas imagens para contar aquela história e você e você não conseguiria contar, segundo a visão deles, da chefia ou do editor-chefe, aquela história, sem aquelas imagens.

Em sua opinião, qual o objetivo do uso desse recurso no telejornalismo? Que objetivo têm essas imagens?

Acho que no início você tem interesse sim de passar uma informação, porque aquela imagem está carregando uma informação. Em termos de câmeras de segurança são imagens de crimes, né? A câmera como propriamente câmeras de segurança. Então é o registro, é o flagrante, é o novo, é o diferente, mas que na verdade com o tempo e com o excesso de uso, acaba se tornando algo mais, um produto mais de entretenimento, que você busca captar e prender a atenção daquele telespectador, criar uma história em torno de personagens ou em torno da ação narrada por aquela câmera, principalmente, criar uma situação de tensão, tentar transmitir a tensão de quem viveu aquele momento, registrado naquelas imagens, reproduzindo isso na televisão. Então eu acredito que temo interesse mais de entreter e interesse comerciais em relação ao tempo de audiência que esse telespectador está preso ali assistindo aquelas imagens, está prestando atenção àquelas imagens.

Então, você acredita que existe uma aproximação com o telespectador, na medida em que essas imagens parecem mais reais e familiares?

Sim. Acho que o objetivo é tentar recriar esse sentimento de realidade, né? Tanto é que muita das vezes, nos é orientado a tentar trazer, por exemplo, o texto para o presente como se aquela ação estivesse acontecendo no momento e não apenas o texto com o verbo no passado, de uma ação que já aconteceu. É para trazer mais essa sensação de agora.

E quais as vantagens e desvantagens dessa prática para o telejornalismo, em sua opinião? Sem essas imagens, como era. E agora com essas imagens, como você acha que vai ficar.

Na minha humilde opinião de estagiário, me formando em jornalismo, é um caminho sem volta. Acho que elas são importantes, não vou desmerecer o uso dessas imagens. Eu acho que era inevitável que isso acontecesse. O problema é que, talvez, há questões mais abrangentes e sistêmicas do modo de produção jornalística, as questões econômicas do mercado, acabam influenciando a forma como essas imagens são apropriadas e reproduzidas e editadas e utilizadas nos veículos de televisão. No caso, na emissora onde eu estou atualmente. Em outras talvez, nem tanto. Você tem perfis de telejornais diferentes. Com telejornais menores, em que as matérias têm um tempo limite de exibição. Geralmente um minuto e meio a dois minutos. Você usa a imagem, mas você não explora

excessivamente a imagem. O que está em questão aqui é a exploração excessiva, a repetição da imagem quando você faz você exibe essa imagem com o âncora resumindo a história e avisando que daqui a pouco você vai ter a matéria completa. E na matéria você tem o uso extensivo dessa imagem, depois da matéria no comentário do apresentador, você tem também mais dessa imagem. Acho que o problema está aí. Usar a imagem, não é um problema. Na verdade é uma solução para a TV. O problema é o quando ela exagera no uso dessa solução.

Você acredita, portanto, que isso possa ser uma estratégia mercadológica para manter a audiência, dada que muitas vezes essas imagens já forma vistas antes em redes sociais. Portanto, essas mídias se retroalimentam, usando uma o conteúdo da outra?

Acho que sim, mas nem sempre. No caso você tenta sempre conseguir aquele flagrante. A televisão se preocupa em se o outro canal de televisão não mostrou. Como se o telespectador em casa ficasse mudando de canal e vendo o que cada um está dando de novo. O que eu acho que não é bem assim. Pelo menos não eu enquanto telespectador ou do que eu conheço de telespectadores. Mas existe sim uma preocupação de você estar sempre de olho nos canais, principalmente no *Youtube*, que é um grande repositório de vídeos, de vídeos amadores, sejam vídeos engraçados, filmados com uma câmera de celular ou um flagrante e também, ou também câmeras de segurança. Mas também a gente não pode esquecer das câmeras que a própria emissora consegue que a própria emissora consegue, que os produtores conseguem, que os repórteres na rua conseguem e alguém, talvez por medo ou seja lá qual for a questão, não colocou isso na internet. Mas também você tem isso. Acho que a gente precisava fazer até um balanço de quantos de imagens por dia um telejornal tem de imagens feitas pelo próprio canal e do quanto que imagens amadoras e do circuito de segurança entram no ar e talvez fazer um comparativo com alguns anos atrás, que a gente vai ver nitidamente um aumento disso. Também porque você tem o aumento de pessoas publicando, o aumento de pessoas usando celular, você tem o aumento de empresas que instalam câmeras de segurança. Então, você tem mais imagens sendo registradas. E eu acho que inevitavelmente, ainda mais com o interesse econômico e jornalístico de você apropriar e usar bastante essas imagens, você inevitavelmente vai ter um excesso de reprodução delas.

Como é feito o processo de checagem e apuração dessas imagens, já que muitas vezes trata-se de imagens anacrônicas, onde alguns elementos do *lead* são excluídos. O quê, quem, quando, onde, como e por que, não necessariamente obedecem a esta ordem? O quando pode não interessar muito e o onde também não. Como é feito esse processo de checagem? Essa apuração, essa escolha?

Eu acho que assim: o fato de se ter a imagem é a principal prioridade. Claro que você vai buscar outras informações para tentar compor aquela história. Agora, depende muito da situação. Por exemplo, se você tem essa imagem como matéria produzida ainda que de véspera, talvez você tenha tempo de levantar informações e fazer, produzir um VT mais completo. Mas têm imagens que chegam de repente. ‘Olha, tem alguém aqui com uma imagem’. São frases que a gente ouve na redação. ‘Eu encontrei esse vídeo na internet’. E aí o curioso, o fantástico, o que está presente naquela imagem às vezes sobressai a uma apuração mais profunda. Por exemplo, no caso que uma vez a gente deu um vídeo intitulado *A Louca da*

Olímpia. Uma mulher destruindo o vidro traseiro de um carro num bairro de São Paulo. A imagem era chocante, forte. Mas que na verdade fazia parte de um vídeo publicitário que dias depois ia se revelar de uma nova série que estava sendo lançada. Então, assim: vários canais de televisão deram aquilo e depois vieram contar a história que era de uma série. Então, assim: a própria publicidade está se apropriando desse estilo jornalístico de se aproveitar dessas imagens, né? O humor também está fazendo isso. Muitas pessoas estão produzindo vídeos falsos, digamos assim, de brigas de confusões para dar essa visibilidade num canal de *Youtube* e, conseqüentemente, num canal de televisão.

E quanto à qualidade técnica, qual é a sua opinião? Qualidade técnica enquanto imagem, enquadramento.

Eu só queria voltar aqui num ponto da pergunta anterior, porque eu acho que na hora de você construir essa história, muitas das vezes você realmente você sim exclui o quê, o quando e o onde, quando essas imagens vêm de um lugar que não é a mesma área de abrangência daquele telejornal que você está exibindo ela. Por exemplo, os telejornais locais. Às vezes você exclui o onde porque você tem medo de afastar aquele telespectador porque é um jornal intitulado local, ou seja, só com notícias do Rio. Mas, na verdade, para você preencher aquela grade, você usa imagens de situações que aconteceram, até VT's de outros estados ou até mesmo de situações que aconteceram fora do Brasil. Você tenta suprimir a informação de que é fora do Brasil porque você quer, enfim, de acordo com a opinião de quem defende isso, manter a atenção daqueles telespectadores como se eles fossem mudar de canal só por saber que aquela imagem é da China ou do Canadá. Mas continuando, a qualidade técnica, eu acho que muita das vezes, pelo menos a situação que eu já vivenciei, a não ser que esteja realmente irreconhecível a ação e a gente, às vezes, já passou bem perto disso, mas... Se é possível reconhecer um vulto dentro daquela ação, a gente utiliza. Por exemplo, no caso de você ter, por exemplo, um flagrante. Eu lembro de alguns jovens espancando um morador de rua. Acho que se eu não me engano, na Ilha do Governador. Você mal conseguia identificar. Era uma imagem bem ao fundo, mas era a imagem. A imagem podia não dizer muito em si. Ela não mostrava muita ação. Mas o fato de ser uma imagem que registrou uma ação ainda que você não consiga identificar essa ação, a imagem em si, cria um contexto próprio de presença naquele VT. Por quê? Uma imagem foi registrada daquela ação. Mesmo que eu não consiga identifica-la, mas cria-se aquela expectativa de que nossa, caramba, olha só: você não está conseguindo identificar, mas ela tenta trazer, ainda que de forma difícil por conta da qualidade técnica, essa sensação do ao vivo, do que aconteceu ali, de você estar vendo realmente, ainda de que forma difícil, mas na maioria das vezes você tenta trazer sim um pouco de qualidade para aquilo. Mas na maioria das vezes não dá porque geralmente são imagens gravadas em baixa resolução. Seja de celular ou de câmeras de segurança. Então a gente acaba abonando um pouco isso.

Hoje qualquer pessoa pode filmar um acontecimento que acaba tendo esse valor-notícia que você acabou de falar, a ponto de se tornar tão relevante e ser exibido num telejornal que tem, portanto, a sua função de informar, de levar ao conhecimento público as pautas. Afinal de contas a televisão é uma concessão. Em sua opinião, qual o futuro do telejornalismo e o impacto que isso pode causar na profissão como o enxugamento de equipes?

Eu acho que o telejornal está tendo que mudar um pouco de perspectiva porque ele sempre teve essa visão de que, essa visão seletiva, daquilo que de melhor aconteceu, daquilo que de melhor foi produzido, de melhor foi filmado e você exibia. Hoje, com o avanço das redes sociais, da internet de uma forma geral, você cria a necessidade da velocidade. Na verdade sempre teve um pouco disso, de colocar o ao vivo aquele acidente, coisas que só a televisão antigamente tinha a capacidade técnica em termos de equipe, de deslocamento, de conseguir cobrir alguma coisa que estava acontecendo agora. A TV tinha esse poder de mostrar. Hoje a internet tem muito mais esse poder. Você acompanha isso com o protesto, até uma entrevista, ao vivo, com o prefeito, sei lá... “N” eventos que estão acontecendo que a internet está se mostrando muito mais presente de mostrar aquilo que está acontecendo agora via celular ou o dispositivo que for, do que a televisão. Então, a televisão, ela não perde com isso, ela se apropria disso, tenta trazer isso pra si. Mas ao mesmo tempo ela acaba tentando embarcar numa onda que não é a dela, que é a onda da internet, daquela velocidade do momento. A televisão ela sim tem esse papel de selecionar aquilo, de investigar, de produzir e de apresentar um material de mais qualidade, já que é um produto tão caro de ser produzido, uma instituição, uma estrutura tão mais cara em termos de equipamento, de pessoal. Então, você deveria apresentar um produto de mais qualidade. Aí por você não estar apresentando, você está apresentando aquilo que você consegue de mais rápido. Eu sou o primeiro a dar. Aquela imagem na internet, em vez de você talvez fazer um trabalho mais aprofundado, mais apurado com relação aquilo, você acaba, como é que eu posso dizer... Abandonando certos valores talvez um pouco mais tradicionais. Acaba abandonando um pouco essa questão da qualidade em busca dessa questão que você está trabalhando, dessas imagens. Aquilo de mais fantástico, aquilo de mais novo porque você não quer perder essa audiência para a internet, você não quer perder esse telespectador. Mas ao mesmo tempo você acaba acoplando isso a uma lógica de mercado que você quer produzir mais por menos. Então você acaba, na verdade você meio que joga a culpa pra cima disso, mas a culpa não é disso. A culpa de você estar reduzindo uma equipe está reduzindo, está reduzindo uma redação, é porque você quer na verdade gastar menos com aquilo. E já que você tem um recurso que te permite gastar menos e também exibir, o que você considera, isso no caso os diretores, as chefias desses canais de televisão, consideram notícia, considera informação, você se apropria daquilo e você não precisa, por exemplo, que o repórter fique tantas horas na rua produzindo uma pauta, porque em poucos minutos ele vai grava, junta com uma imagem, o editor escreve um texto e aquilo ali vira um VT. Não é aquela pauta que você vai produzir, que você vai ter diferentes locações, que você vai perder, às vezes, meia hora com o entrevistado. E aí você vai valorizar mais aquela imagem que vai chamar a atenção no VT. Então, acho que o telejornalismo perde com isso, na medida em que ele não sabe trabalhar com isso. E a TV Digital vai ensinar isso muito ainda, porque se ela for permitir uma integração cada vez maior com a internet, como é que vai se lidar com isso? Porque hoje você não tem tanto essa integração, você tem uma apropriação. O que está na internet a TV vai e exibe; ou o que vai na TV, vai na internet. Mas a TV Digital vai tornar isso muito mais próximo. Então, em termos de programação, de linguagem. As duas mídias vão se cruzar muito mais. E aí, qual vai ser o diferencial da televisão, na medida em que a internet vem se firmando, vem tão presente, principalmente de forma portátil, nas ruas, nos

celulares. Então, eu acho que o telejornalismo perde e perde ainda mais porque ele não está se preparando para esse outro momento com a TV Digital.

As imagens de circuito interno quase sempre estão ligadas a algo trágico. Você concorda que é isso que o povo quer ver? Portanto existe essa demanda do telespectador? O telespectador tem essa vontade de ver o trágico? A insegurança, enfim nós estamos cada vez mais cercados de câmeras de vigilância, mas ao mesmo tempo a gente quer ver o que acontece com aquilo ali. É meio pagar pra ver, né?

Eu não sei se já perguntaram para o povo o que o povo quer ver. Na verdade. As pessoas num geral, pelo menos o que a gente ouve nas ruas é que as pessoas querem ver, às vezes, matérias mais *lights*, matérias até mais divertidas. O problema é que historicamente, acho que isso é intrínseco ao ser humano, a atenção dele é captada por esse elemento fantástico, grotesco, violento, é aquilo que desperta porque mexe com o sentido da própria autosssegurança de você talvez, você põe o indivíduo, o telespectador que está vendo aquelas imagens, num lugar talvez de suspeição, em que ele fica: ‘imagina se fosse comigo’. E aquilo sim, aquele tempo que ele está observando, analisando aquelas imagens, é o tempo de audiência que ele está contribuindo para aquele canal, para aquela emissora. Então, se esse é o objetivo, então talvez sim porque o povo acaba querendo ver isso. Mas não é uma escolha intuitiva de que eu, eu vou ligar nesse canal porque quero ver morte, eu quero ver sangue. Em tese as pessoas não querem ver, mas a atenção delas é inevitavelmente captada por conta dessas imagens de tão absurdas e grotescas. E talvez um VT com uma matéria mais *light*, mais tranquila, mais descontraída faça ela querer buscar coisas melhores na vida como, por exemplo, desligar a televisão. [risos]

É difícil escrever um texto *off* para essas imagens. Considerando que acaba tendo que se narrar o óbvio? Nesse momento texto e imagem se rivalizam? Há um empobrecimento textual?

Sim, há. É evidente esse empobrecimento textual uma vez, como a gente falou lá atrás, talvez você não tenha uma apuração tão profunda dessa história, você se limita ao fato de você ter uma imagem daquela ação. E aí você não entende o contexto em que aquelas pessoas que estão aparecendo naquela imagem estão. O contexto em que aquilo foi filmado, se aquilo foi produzido ou foi de repente. Quem são aquelas pessoas, que são elementos que acrescentam e talvez até mudem o rumo de uma narrativa. Se você, por exemplo, vai defender o ponto de vista de tal personagem ou do outro personagem. Você não sabe. Você só está vendo aquelas imagens. Você só está vendo um tiro sendo disparado. Mas você não viu o que aconteceu antes daquela imagem ou no ângulo em que aquela imagem não captou. Você basicamente narra aquilo que você está vendo. É que nem o futebol na televisão, você tem que buscar outros elementos, porque você não vai ficar o tempo todo narrando o óbvio, porque a pessoa já está enxergando ali. Mas talvez como interesse, novamente, de você prender a atenção da pessoa, você cria, você escreve um texto em que você cria uma sensação de tensão para reforçar aquilo que a imagem já está dizendo e você criar essa expectativa em quem está assistindo de que algo mais trágico, seja pela impositação de voz, seja por uma trilha sonora que você acrescenta àquele vídeo, que geralmente vídeo não tem fundo. Então você coloca um *background*, um som de fundo de tiros sendo disparado, mesmo que aquela câmera não tenha captado. Então você coloca ali

elementos em uma edição para que você consiga manter a atenção daquele telespectador. Então, eu acho que em termos de texto, inevitavelmente, você acaba abrindo de informação para oferecer aquele show, aquele espetáculo de notícia, se é que a gente daqui a pouco vai estar chamando isso de notícia.

Para finalizar, como você classificaria essas imagens? Você estuda na Universidade Federal Fluminense, está se formando, e como que você classificaria essas imagens? É imagem o quê? São micronarrativas? São apoios à matéria, são registros, são flagrantes?

Eu acho que elas cruzam um pouco de tudo isso, ou talvez elas ‘deveriam’ ser apenas isso, mas elas são mais. Elas acabam sendo usadas como mais do que isso. Elas são micronarrativas, mas acabam sendo exploradas como grandes histórias, grandes reportagens, em cima de uma imagem. Como por exemplo, nesse caso mais recente do menino Joaquim. Se você tivesse uma imagem, quer dizer, um pouco mais nítida, que permitisse se enxergar que fim teve o menino, ou como vários outros casos que já foram exibidos na televisão tão ostensivamente e talvez esteja nessa pesquisa, então uma imagem ela transforma o rumo de uma história. Naquele momento ele deixa de ser uma micronarrativa e se passa a compor, mas isso quando ela está dentro de um contexto. Agora, quando ela está solta, livremente, sim: aí ela é uma micronarrativa. E a televisão acaba exigindo, o modelo de televisão acaba se exigindo muito mais dela e acaba deixando ele como uma imagem do fantástico, digo, uma imagem fantasiosa, uma imagem que acaba criando esse estado de tensão, se tratando de questões de violência. Uma imagem que se torna cada vez mais presente na vida das pessoas. Não só porque você tem uma câmera ali, mas porque você ligou a televisão e você vai ter esse banho inevitavelmente dessas imagens, porque é um recurso que a televisão dispõe tanto. Eu talvez não tenha um termo tão preciso. Esses termos que você usou talvez sejam interessantes, mas é uma pena que essas imagens não se limitem a ele, né? Elas são exploradas para além deles e acho que isso é o grande problema, uma vez que essas imagens deveriam ser apenas isso. Não mais do que isso. A não ser que claro, você tivesse essas imagens em um contexto ou com uma história por trás sendo contada. Mas aí o modo de produção jornalístico capitalista que se produz por quantidade em tempo e não por qualidade, não permite isso.

Obrigada, Rodrigo, pela sua contribuição e até a próxima.

Até a próxima.

Anexo 3
Gravações dos telejornais analisados

Em DVD

Anexo 4
Áudio das entrevistas

Em DVD